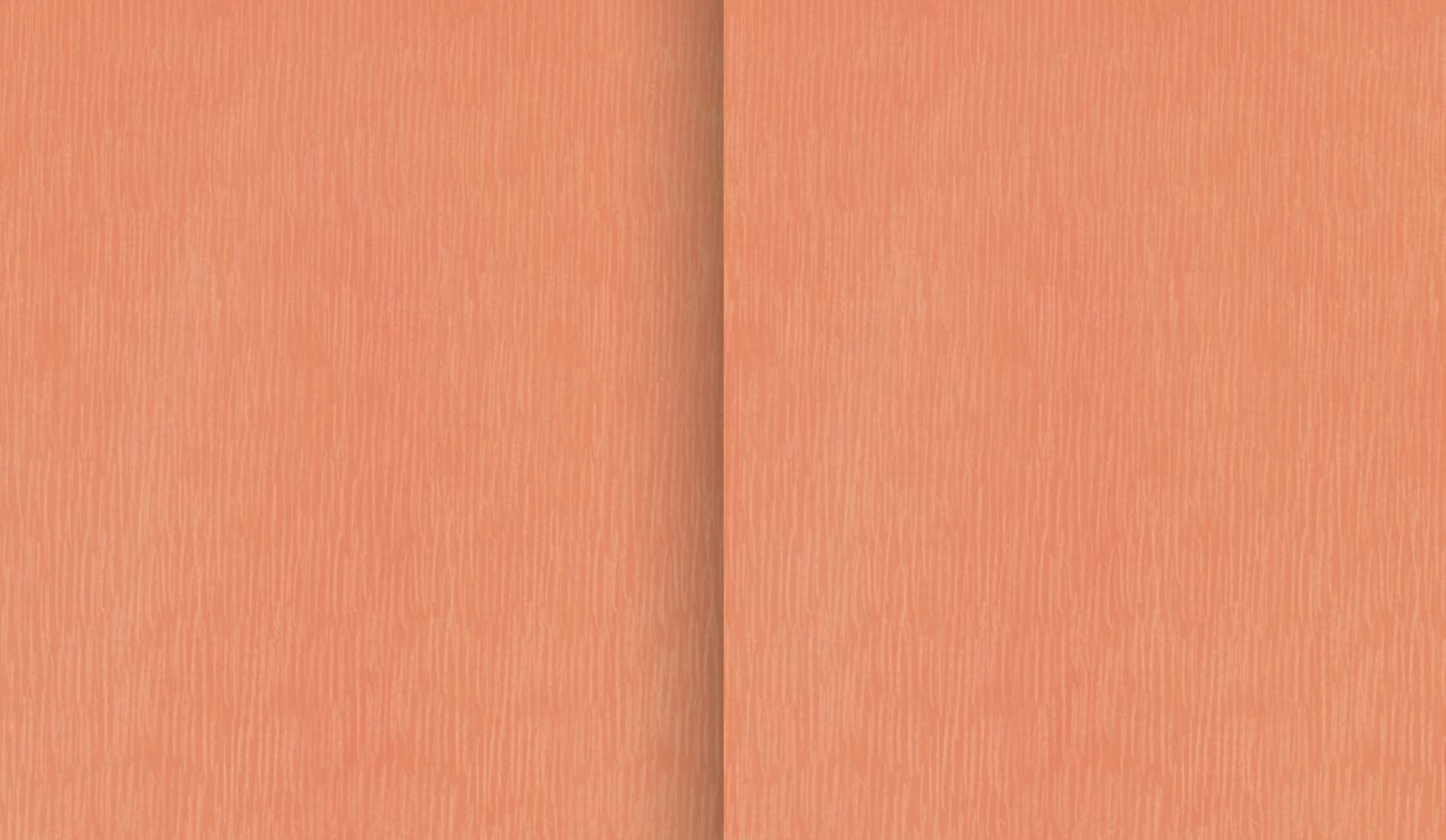


TAPIRAÍ

A CIDADE DA GENTE

José Santos, Selma Maria
e estudantes das escolas municipais de Tapiraí
ilustrações de **Olavo Costa**

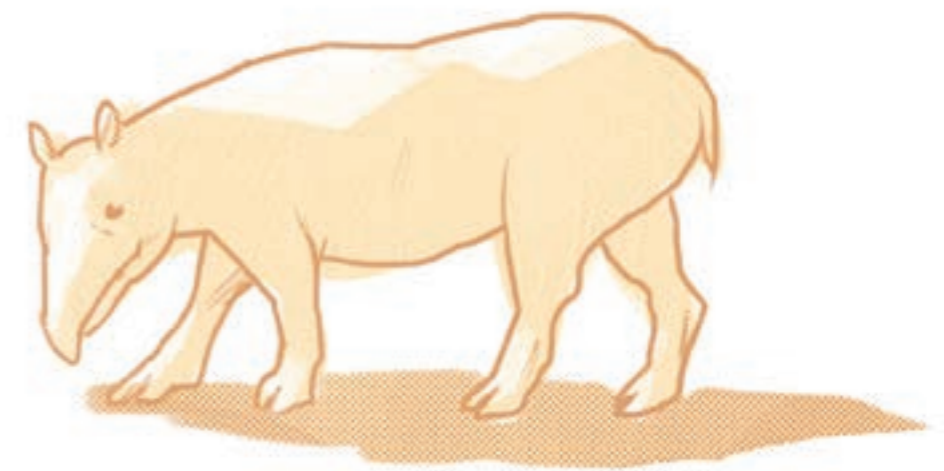




TAPIRAÍ

A CIDADE DA GENTE

José Santos, Selma Maria
e estudantes das escolas municipais de Tapiraí
ilustrações de **Olavo Costa**





O Legado das Águas é a maior reserva privada de Mata Atlântica do Brasil. Sua área de 31 mil hectares, divididos entre os municípios de Juquiá, Miracatu e Tapiraí, no Vale do Ribeira, interior do estado de São Paulo, alia a proteção da floresta e o desenvolvimento de pesquisas científicas a atividades da nova economia, como a produção de plantas nativas e o ecoturismo. Ele foi fundado em 2012 pelas empresas Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), Nexa, Votorantim Cimentos e Votorantim Energia, é administrado pela Reservas Votorantim Ltda e mantido pela Votorantim S.A., que em 2012 firmou um protocolo com o Governo do Estado de São Paulo para viabilizar a criação da reserva e garantir a sua proteção. Mais do que um escudo natural para o recurso hídrico, o Legado das Águas é um território raro e em estágio avançado de conservação, com a missão de estabelecer um novo modelo de área protegida privada, cujas atividades geram benefícios sociais, ambientais e econômicos de maneira sustentável.

O projeto A Cidade da Gente convida crianças de escolas públicas municipais das três cidades em que o Legado está inserido a descobrirem seus próprios lugares, cultivando e compartilhando a memória das comunidades locais e fazendo disso um processo de intenso e afetuoso aprendizado. Afinal, valorizar o território em que elas estão inseridas gera o sentimento de pertencimento que estimula a conservação desses bens imateriais.

Ao apoiar esse projeto, o Legado das Águas reafirma sua visão e missão de empoderar atores locais e gerar valor compartilhado.

Que esta publicação, fruto do trabalho cuidadoso de profissionais e estudantes, possa ajudar a despertar a consciência e a responsabilidade de cada um pelo seu próprio lugar e sua comunidade.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura.

Daniela Gerdenits

Reservas Votorantim – Legado das Águas



Nós, professoras das EMEF Profª Enir da Silva Pilan e EMEF José de Moura Glasser, com apoio da Secretaria Municipal de Educação, descobrimos, com a chegada do projeto A Cidade da Gente, que poderíamos reunir documentos e as histórias mais importantes da cidade num livro, para valorizar o patrimônio tão rico da nossa querida Tapiraí.

O primeiro passo foi entender o quanto de histórias e lugares temos aqui. Depois de entender, saímos em busca do que tem valor afetivo, histórico e artístico em Tapiraí, em entrevistas e arquivos.

Patrimônio são coisas que nem sempre podem ser quantificadas em dinheiro, pois são tão importantes que não existe preço que dê conta de seu imenso valor. Herdamos das gerações passadas o ambiente no qual vivemos, a cultura dentro da qual fomos criados, as lendas, as canções, os hábitos, a religião, os comportamentos, a língua com a qual nos expressamos. Tudo isso faz parte do patrimônio de um lugar, uma cidade, um país.

Aqui em Tapiraí temos muitos patrimônios que vamos mostrar neste livro. As informações estavam espalhadas e isso dificultou um pouco a nossa pesquisa sobre os nossos antepassados. Mas não desanimamos, pois a vontade de passar para as crianças, nossos alunos, o que aprendemos nesta pesquisa era maior.

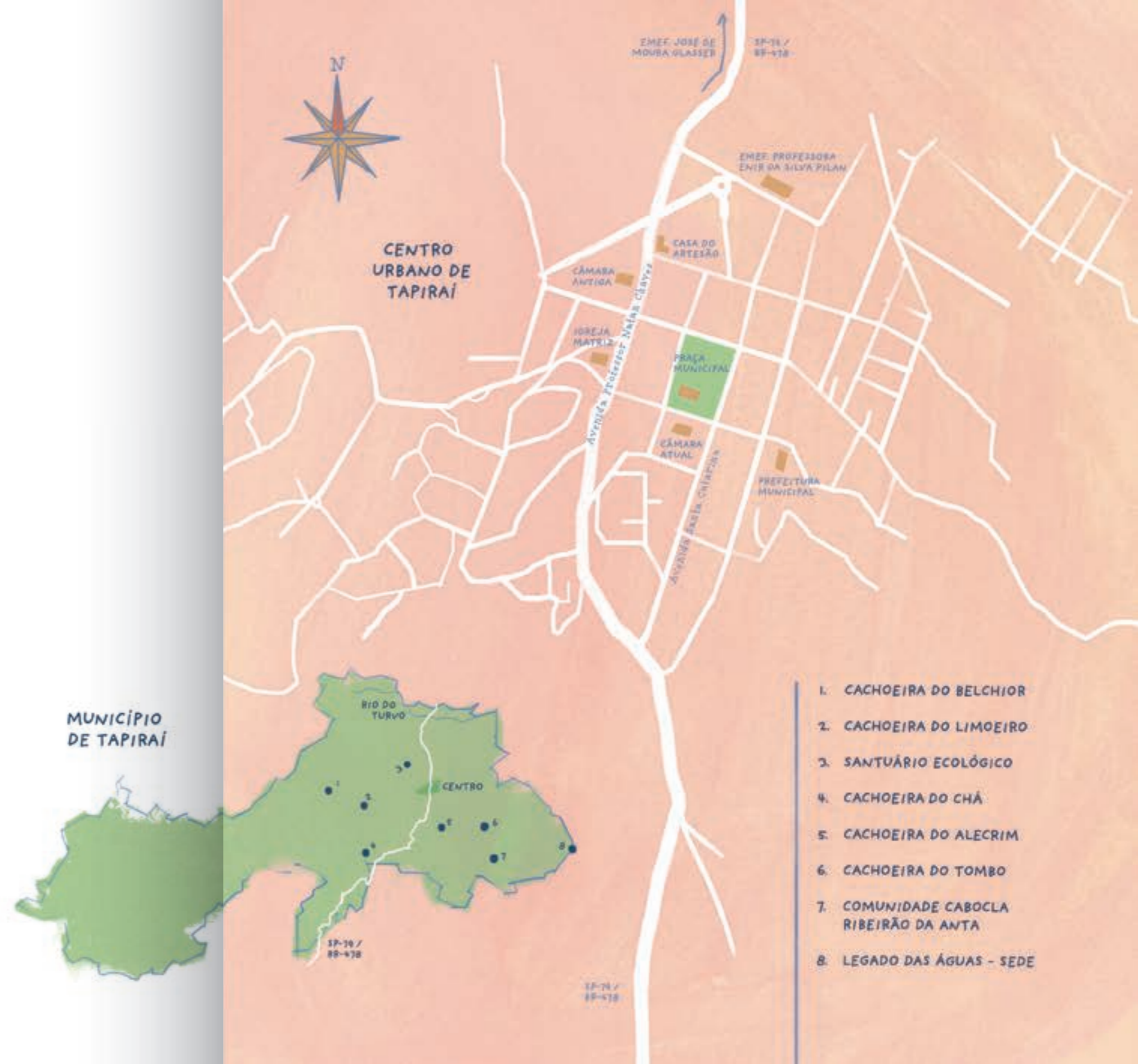
Queríamos que elas pudessem crescer, contar para suas filhas e filhos, parentes, como era a cidade onde viveram quando crianças.

Tudo isso foi feito durante a pandemia da Covid-19, portanto não foi simples nos comunicarmos com nossos estudantes em suas casas distantes.

Mas nosso esforço valeu a pena, pois conseguimos fazer este projeto chegar até os estudantes que escreveram em prosa e poesia sobre Tapiraí.

SUMÁRIO

- 12** Praça Municipal Joaquim Egydio Régis
- 18** Igreja Matriz Santa Catarina de Alexandria
- 22** Câmara Municipal Antiga
- 26** História da luz
- 28** Comunidade Cabocla Ribeirão da Anta
- 32** Monjolo - Casa de farinha
- 36** Cachoeiras
- 40** Legado das Águas
- 44** Anta Albina
- 48** Hotel Fazenda Encontro das Águas
- 50** Lavadores (Barracões)
- 54** Rio Turvo
- 58** Gengibre
- 60** Festa do gengibre
- 64** Casa do artesão
- 68** Causos, contos
- 70** Personagens da cidade





Tapiraí está no meio da Mata Atlântica, na região do Vale do Ribeira e da região metropolitana de Sorocaba, sul do estado de São Paulo, num território de 755.100 km² onde vivem hoje 8 mil pessoas e muitas plantas.

Sua história documentada se inicia em 1930, quando da chegada da família Rosa, com o objetivo de povoar a região, após a venda de suas terras nos sertões do Paranapiacaba.

Naquele mesmo ano foi construído o primeiro rancho, onde hoje se localiza a Igreja Matriz. Em 1932, Celso David do Valle, José Kanitz Moreira Lima, Royal Maravalhas e Valdomiro do Vale formam sociedade e fundam a Colônia Juquiazinho, Moreira & Cia Ltda, de modo a locar a estrada Piedade a Juquiá, e construir o trecho Piedade-Patrimônio de Paranapiacaba (como era conhecido o povoamento na época).

Em 1938, foi inaugurada a capela e o distrito Santa Catarina, pertencente ao município de Piedade, mas em 1944 pela lei que proibia repetir nome de estado e municípios, o nome muda para Tapiraí.

Após um plebiscito de 1958, em fevereiro de 1959, a cidade é finalmente emancipada, desvincilhando-se de Piedade.

Tapiraí é uma cidade onde a neblina está presente quase todos os dias, tornando-se uma marca daqui. É conhecida na região como a terrinha da garoa.

Além de ter toda essa água circulando no ar, ela tem 50 cachoeiras catalogadas, sendo muito procurada por turistas para se refrescarem em banhos cercados de natureza.

80% do seu território é tombado, e foi declarado em 1992 Reserva da Biosfera pela UNESCO.

Participaram deste projeto de incentivo à leitura e à escrita, as professoras Idelma Rodrigues e Jania Martins com seus alunos dos 5^{os} anos da EMEF José de Moura Glasser, coordenada pela diretora Elisete de Lara e pela coordenadora pedagógica Talita Carvalho.

E também a EMEF Professora Enir da Silva Pilan, da diretora Lilian Endo e da coordenadora pedagógica Fernanda Jantin, ao lado das professoras Monise Teles, Cilene Barros, Fabiana Pereira, com todos os estudantes dos 5^{os} anos.

Uma grande comunidade escolar que se esforçou muito para vencer o maior desafio destes novos tempos: ensino à distância durante a pandemia da Covid-19 nos anos 2020 e 2021.

Os temas escolhidos para estarem neste livro foram os que marcam e contam com afeto a vida das pessoas que aqui nascem e vivem, por exemplo sua imensa flora, as famílias antigas, a curiosa anta albina, a praça matriz, a Comunidade Cabocla Ribeirão da Anta, onde é feita a deliciosa farinha de milho artesanal, a Casa do Artesão, com suas talentosas artistas, além dos barracões cheios de mandiocquinhas, inhames e gengibres que viajam Brasil a fora.

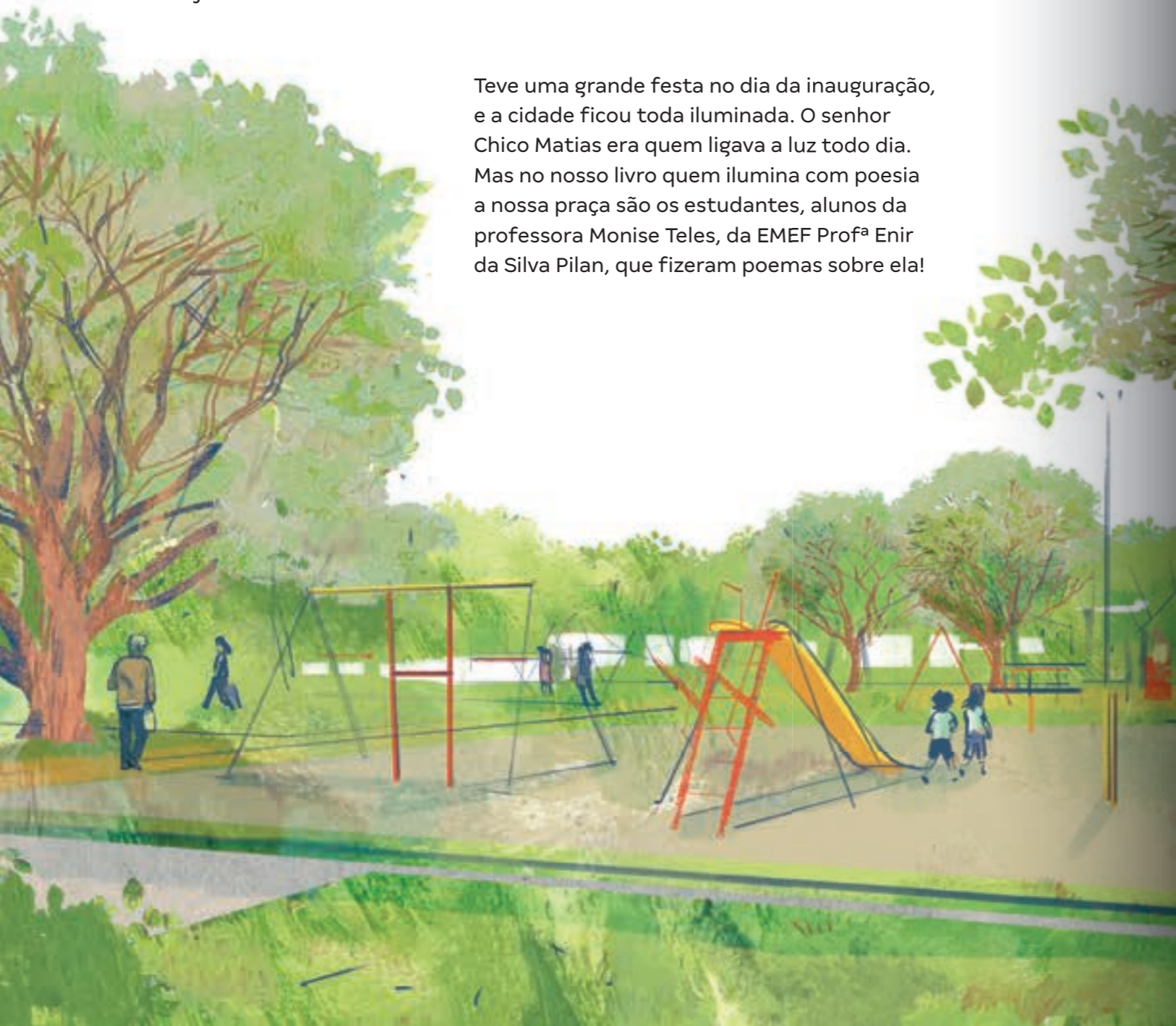
Boa leitura!



PRAÇA MUNICIPAL JOAQUIM EGYDIO RÉGIS

A nossa praça foi inaugurada no dia 10 de outubro de 1970 e já chegou brilhando na nossa cidade porque, junto com ela, teve a chegada da energia elétrica. A praça era o lugar mais importante daqui e até hoje é muito viva e bastante visitada.

Teve uma grande festa no dia da inauguração, e a cidade ficou toda iluminada. O senhor Chico Matias era quem ligava a luz todo dia. Mas no nosso livro quem ilumina com poesia a nossa praça são os estudantes, alunos da professora Monise Teles, da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, que fizeram poemas sobre ela!



Nossa praça

Nossa praça é deslumbrante
Cheia de pássaros constantes
Tem um parquinho de areia legal
Que anima nosso astral.

Às vezes o clima
Da praça não está bom
Mas tem pássaros que se divertem
Com um sorriso muito bom!

Dona Eroneide plantou muitas flores
Na nossa praça cheia de encantos
Tem um coreto muito bonito
Que encanta o município!

Ana Laura Pereira Moraes

Davi da Silva Vieira

Fernanda Dias Cardoso

Isadora Dantas dos Santos

Sarit Hadassa dos Reis Perez Castro

de Alexandria

A praça Joaquim Egydio Régis tem esse nome porque esse senhor ajudou muito na formação de Tapiraí. Logo mais falaremos sobre ele no capítulo personagens da cidade.

A avó Ivanilde, da aluna Sarit Hadassa Alexandria, da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, contou para ela que o local onde é a praça atualmente era a garagem de ônibus e espaço da prefeitura para deixar seus veículos.

Sarit diz que hoje nossa praça é muito conservada, tem espaço para muitas pessoas. O coreto é bem cuidado, os bancos sempre pintados, as árvores dão bastante sombra e também tem vários brinquedos e aparelhos para fazer exercícios físicos. No Natal fica bem enfeitado, e no *réveillon* fica lotado de pessoas para ver os fogos de artifícios

Relato de uma árvore

Eu sou a maior árvore da praça
Entre outras me destaco
Sou a mais linda e bela...
Na estação da primavera cheia de graça.

Minha copa é gigante
Se compara a minha beleza
Eu sou o habitante de muitos insetos
A mais bela da natureza.

Agora vou relatar
O que posso contemplar
Daqui de cima eu vejo
No parque as crianças a brincar.

Aqui também ocorre muitas festas
Tem o domingo na praça
Que é cheio de graça
Tem até apresentação da Banda Marcial
Que é um espetáculo sensacional.

Vou parando por aqui
Pois tem muito a relatar
Se quiser conhecer mais
Venha nos visitar.

Carolina Queiroz Rodrigues dos Santos
Laisla Vitória Anselmo Domingues
Maysa de Moraes Ribeiro
Nicolly Monique Theodoro Santos
Vinicius Medeiros Vieira



IGREJA MATRIZ SANTA CATARINA DE ALEXANDRIA

Os alunos do 5º ano da da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, fizeram este poema que traz o sentimento que a Igreja Matriz de Tapiraí provoca nos moradores da cidade.



A igreja não é só uma construção,
É o marco da criação.
Foi a primeira a ser construída,
E continua até hoje salvando e
Protegendo várias vidas.

Emanuely Rodrigues da Silva
Bheatriz Gabriele Miranda
Luana Garcia Soares
Murilo Cardoso das Chagas
Luiz Gustavo Gualberto da Silva
Giovanna Marcheuski Nicolai



Na pesquisa da Isadora Dantas dos Santos, do 5º ano A da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, ela aprendeu que no dia 16 de maio de 1938 aconteceu a inauguração da primeira capela construída com madeira dedicada a Santa Catarina de Alexandria, no caminho do Juquiazinho, com a celebração de uma crisma feita por dom José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba. Em 1949, foi iniciada a construção com o lançamento da pedra fundamental da Igreja Matriz, pelo padre Guilherme.

Vendo as fotos antigas do lugar e comparando com o que vemos hoje, observamos que as paredes agora são de tijolo. Antigamente ao redor da igreja tinha matas e agora construções, como lojas, casas, comércios.



Yago, do 5º ano A da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, conta que a padroeira da cidade se chama Santa Catarina de Alexandria, e o seu dia é comemorado no dia 25 de novembro. A nossa paróquia foi criada no dia 28 de janeiro de 1961, mas desde 1942 já aconteciam eventos religiosos no distrito de Santa Catarina, que é o antigo nome de Tapiraí.

Quando ainda não tínhamos a nossa igreja, um padre era chamado de outro lugar, e no mesmo dia fazia confissões, centenas de comunhões e primeiras comunhões, casamentos e sacramentos de pessoas que estavam doentes.

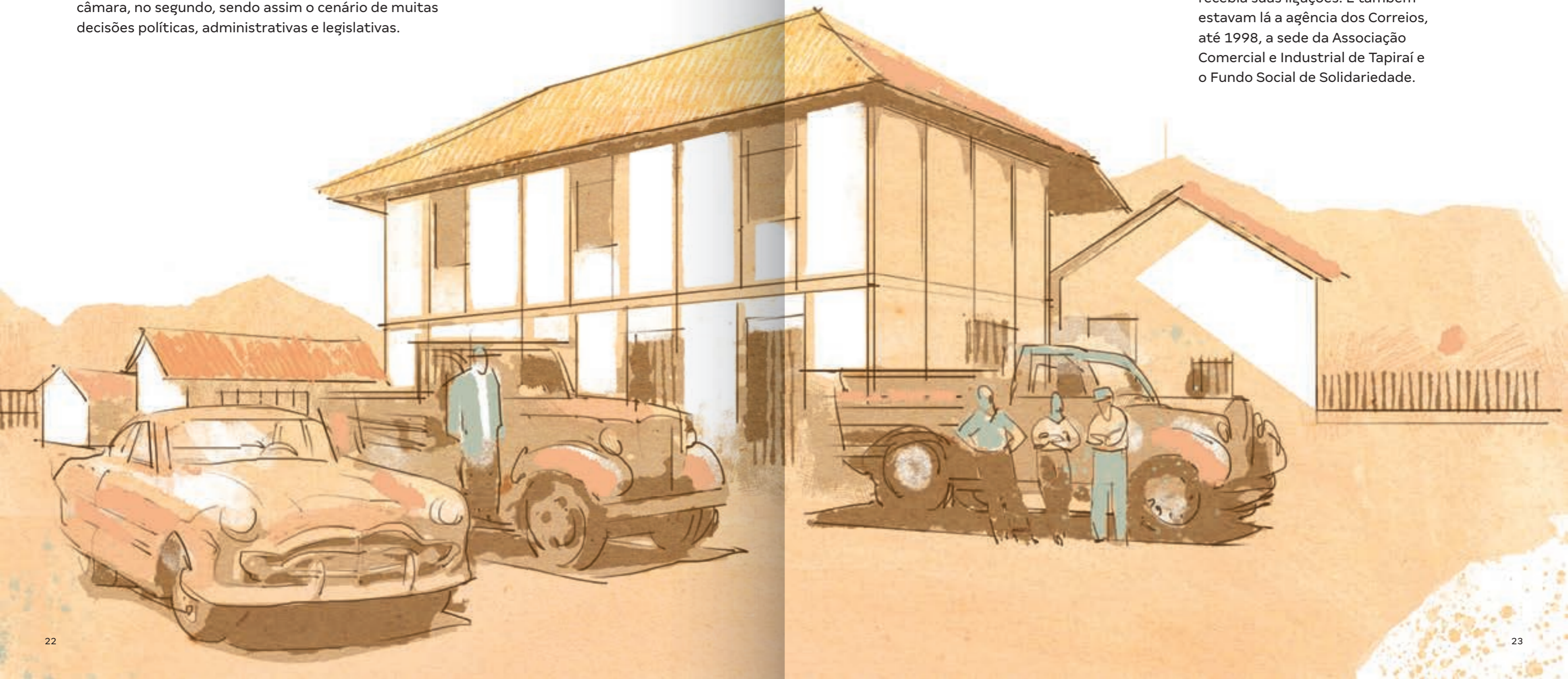
Yago Patricio Ferreira Lima



CÂMARA MUNICIPAL ANTIGA

Esse é o prédio mais antigo da cidade. Tem dois andares e fica na avenida Prof. Natan Chaves, 15. Ali funcionou, de 1962 a 2001, a prefeitura, no primeiro andar, e a câmara, no segundo, sendo assim o cenário de muitas decisões políticas, administrativas e legislativas.

Antigamente, não havia linhas telefônicas nas casas da cidade nem orelhão nas ruas; também funcionava no prédio o posto telefônico de Tapiraí. Era lá que toda a comunidade fazia e recebia suas ligações. E também estavam lá a agência dos Correios, até 1998, a sede da Associação Comercial e Industrial de Tapiraí e o Fundo Social de Solidariedade.





O desejo de transformar esse prédio histórico numa Casa de Cultura é grande entre quem vive aqui em Tapiraí. E os estudantes da EMEF Profª Enir da Silva Pilan até já criaram um convite para que toda população de Tapiraí apareça quando este dia festivo chegar:

Convido a todos a visitar esse prédio onde muitos trabalhos aconteceram, como Correio e Prefeitura, Artesanatos, Bancos. Em breve, ele será um Museu. Muitas pessoas virão para conhecer nossas histórias que serão contadas na antiga câmara.

Jade da Silva Paulo Rodrigues

Sabrina Fonseca da Silva Albuquerque

Murilo de Jesus Rodrigues

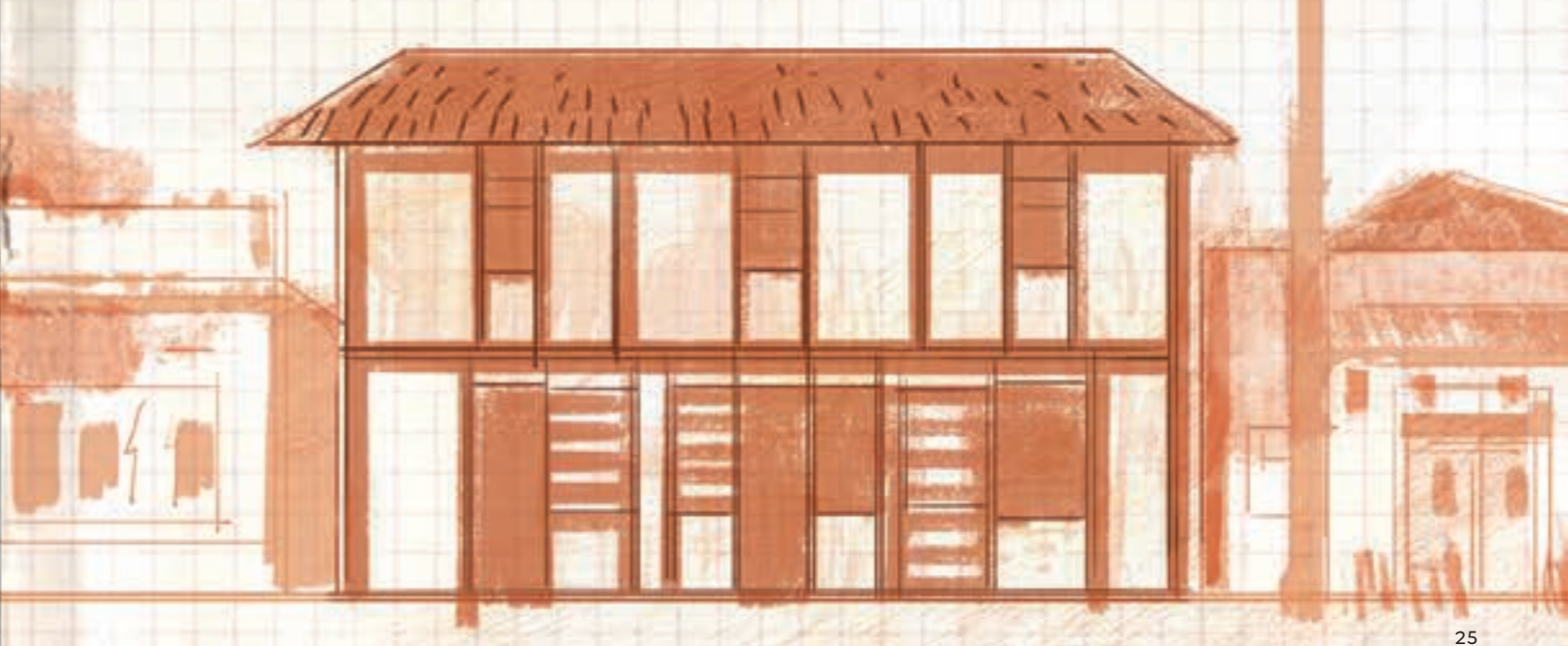
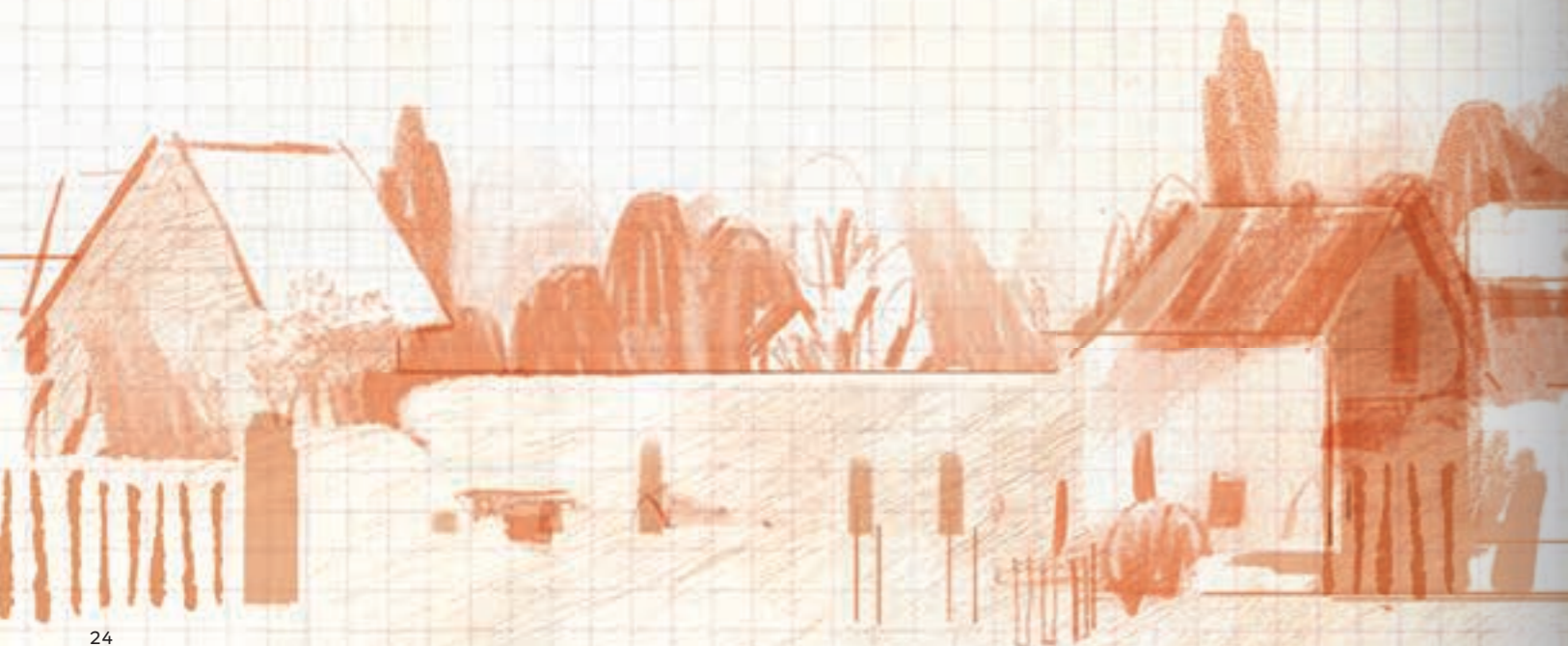
Matheus Rafael da Silva Reis de Sousa

Esmeralda Rubi Soares do Nascimento

Já o José Antônio, do 5º ano C, da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, escreveu sobre o seu desejo de conhecer a história da sua cidade, e que a Câmara Municipal seria o local certo para reunir o patrimônio daqui de Tapiraí:

Esse local deveria ser preservado como um museu de coisas antigas de Tapiraí. As coisas mais importantes deveriam serem guardadas nesse local para que outras pessoas pudessem conhecer os valores históricos da nossa cidade. Ganhar uma nova pintura nas paredes, mas da mesma cor como era antigamente, para que todos pudessem ver como era antes. Uma reforma que preservasse o patrimônio de Tapiraí. E quem entrasse aqui, deixaria seu nome escrito num livro histórico que existe desde 1962!

José Antônio da Silva de Souza Almeida



HISTÓRIA DA LUZ

A senhora Maria de Lurdes da Cunha Silveira contou: "Lembro muito da minha madrinha, tia Alice Régis Moritz, que instalou corrente elétrica para puxar água do poço e chuveiros elétricos para banho quente que antes ela já tinha através da serpentina conectados do fogão à lenha. Às 21h45, a luz começava a piscar para avisar que os geradores seriam desligados."

Felipe Damião Oliveira dos Santos

Foi o que escreveu o Felipe, aluno do 5º ano B da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, a partir da pesquisa feita com a professora Monise Teles.



E os alunos da EMEF Profª Enir da Silva Pilan descobriram que coisas normais de hoje em dia eram difíceis de encontrar antigamente, como os aparelhos eletrônicos que temos em casa. Vejam o que o Cauã, do 5º ano A, escreveu:

Até 1970, a energia elétrica em Tapiraí era produzida por um gerador movido a óleo diesel que tinha um custo altíssimo de operação, por isso só funcionava das 18 às 23 horas. Fora desse período não havia energia elétrica na cidade. Assim, aparelhos elétricos eram muito raros por aqui. Havia uns três televisores e algumas geladeiras. Sorvetes só trazidos de Piedade em caixas de isopor.

Cauã Issamu Kitano Sanches

COMUNIDADE CABOCLA RIBEIRÃO DA ANTA

A Comunidade Cabocla Ribeirão da Anta teve início na década de 1930, quando Gumerindo Alves e sua esposa, Mariana, deixaram a cidade de Ibiúna e vieram morar em meio às matas ao lado de um ribeirão que recebia a visita de muitas antas, que vinham para matar a sede. O aluno José Antônio, do 5º ano C da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, fez uma pesquisa sobre isso:

Gumerindo e Mariana foram os pioneiros, e hoje 20 famílias moram nesta comunidade cabocla que tem cerca de 150 descendentes. Os bisavós de quem mora nesta comunidade ergueram suas casas há mais de 100 anos. Ela é rica em belezas naturais como cachoeiras, fauna e flora.

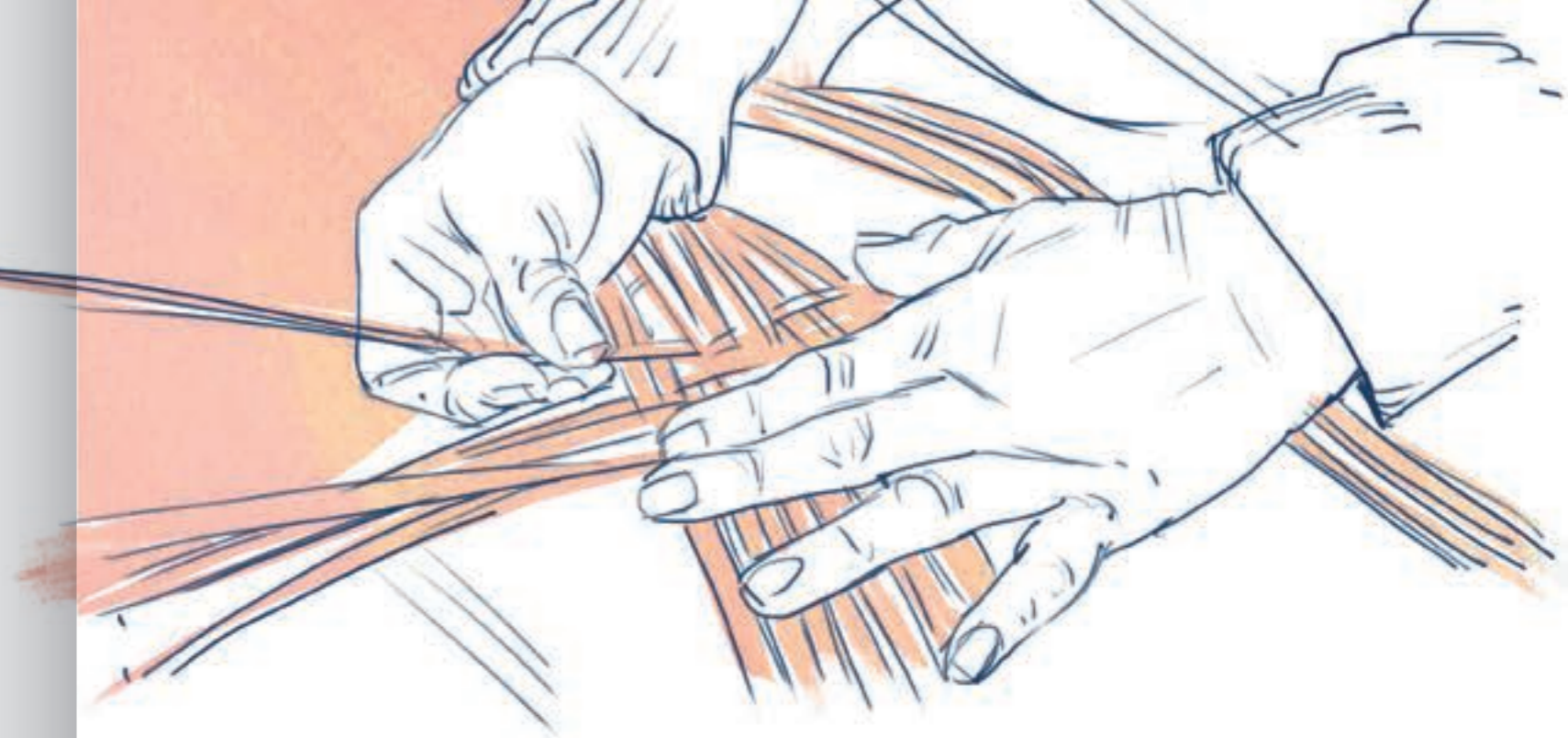
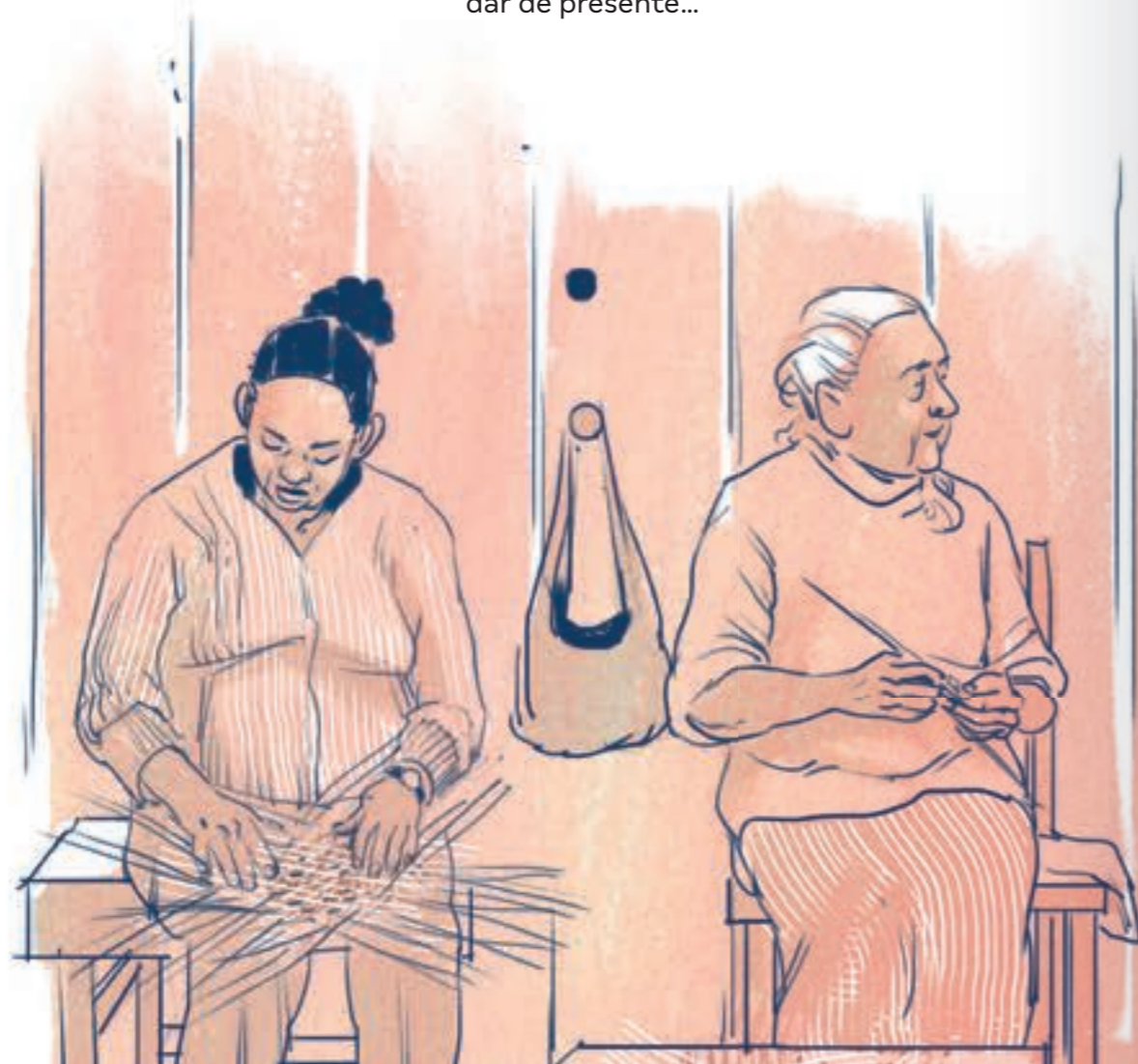
José Antônio da Silva de Souza Almeida

Aliás, como toda comunidade onde a cultura quilombola está presente, muitas histórias são ouvidas no dia a dia enquanto as pessoas trabalham. E um dos trabalhos mais valorizados é a cestaria feita com elementos da natureza. Ali encontramos artesanatos como cestos, balaios, peneiras e esteiras feitas à mão por quem mora ali.

Reconhecida como comunidade tradicional depois dos esforços junto com o Legado das Águas, hoje a comunidade é um grande símbolo local.

Cilene Barros se uniu aos familiares e criou uma associação para manter tradição e cultura, reconhecida pelo município como Patrimônio Imaterial de Tapiraí. Três gerações de cesteiras de taquara nativa, com suas tiras juntinhas, fazem cestas, peneiras, balaios e esteiras. As esteiras são feitas de taboa.

Já a dona Ana, que tem 91 anos, é a cesteira que começou a ensinar as pessoas a fazerem seus balaios. Dali e da cidade sua arte se espalhou e atrai muitos turistas que querem ter esses preciosos objetos na sua casa, dar de presente...



Ir na mata buscar a taquara é o primeiro passo para quem trabalha com a arte desse tipo de cestaria. A taquara chega a ter dois metros de comprimento, e deixá-la secar, trançar a palha quando ela está magrinha, fazer as tramas que vão criando corpo com as mãos trabalhadeiras é o que as cesteiras fazem todo dia. Os cestos e balaios sempre começam a ser feitos pelo fundo da peça. Depois as laterais, que variam muito de tamanho. Elas dizem que não têm grandes segredos, e são bem fáceis de fazer. O que você acha de ir na comunidade aprender essa arte?



MONJOLO - CASA DE FARINHA

Na comunidade, encontramos um monjolo que tem mais de 100 anos e foi feito com um tronco tombado naturalmente pela ação da natureza e trazido pelo rio, para não danificar a mata. Ele é a estrela do lugar, o braço direito e esquerdo de quem quer amassar o milho para fazer farinha.

O monjolo funciona com a força da água que vem do rio e tem capacidade de socar até trinta litros de milho em uma hora e meia. É a evolução do pilão e da mão, para triturar e moer os grãos. Uma alegria para quem faz farinha!

A expressão popular “trabalhar de graça, só monjolo” surgiu de observar o trabalhão que ele faz como se fosse uma grande gangorra que, quando esvazia sua cuba, soca tudo deixando tudo bem moído.

Valdirene Pires é uma das responsáveis por esse trabalho, que tem vários segredos, como guardar debaixo d’água os sacos de milho por quatro dias. Assim, as espigas ficam bem lavadas e fresquinhas, prontas para virarem uma farinha gostosa e artesanal

Já a dona Cecília lida com o fogo e comanda a Casa de Farinha da Comunidade do Ribeirão da Anta. Apesar de ser bem diferente o trabalho de cada uma delas, algo em comum essas duas mulheres têm. Elas falam com muito amor do que fazem.

Valdirene diz que seu trabalho mantém viva dentro dela sua mãe e avós, pois foram elas que lhe ensinaram a tradição de preparar esse incrível alimento que nutre o corpo e a alma no dia a dia da sua comunidade.

Farinha de milho

Ingredientes:

Milho em grão e água.

Modo de preparo:

Primeiro deve-se levar o milho em grão até o monjolo, depois bater por meia hora para a retirada da pele dos grãos. A seguir, é preciso mergulhá-lo na água do ribeirão envolto em sacos de linhagem presos por pedras e cobertos com folhas de caeté para que os passarinhos não os rasguem. Após duas ou três noites o milho deve ser retirado da água e o excesso dela ser escorrido. Depois deve ser colocado novamente no pilão do monjolo e batido. O próximo passo é colocar o milho na peneira e, após alguns movimentos constantes, o fubá começa a se depositar no fundo de um balaio em forma de bacia apropriada para essa finalidade. Em seguida, o fubá é levado ao paiol cuidadosamente e, em finas camadas, ele é colocado em uma chapa quente formada por um disco de ferro. A seguir, elas se transformam em exuberantes bijus, que com auxílio de ágeis mãos são retirados do disco antes que queimem e colocados na peneira, onde são triturados de acordo como se deseja, ou seja uma farinha mais fina ou mais grossa.

Tempo de preparo:

Cerca de 2 a 3 dias.

Os estudantes dos 5^{os} anos A, B e C da EMEF Prof^a Enir da Silva Pilan foram os responsáveis pelas pesquisas sobre o monjolo e a farinha de milho. Obrigado, pessoal!



CACHOEIRAS

A visita a uma cachoeira é bom que aconteça sem pressa. Para banhar-se com calma, para ver toda a mata e se sentir solto na natureza. Ouvir o barulho das águas estourando nas pedras, o cantar dos pássaros. Os estudantes da EMEF José de Moura Glasser, que pesquisam as cachoeiras de Tapiraí, adoram se divertir e aproveitar desse patrimônio natural que a cidade tem de sobra para oferecer.

O principal atrativo turístico da nossa cidade é a Cachoeira do Chá, localizada no Bairro do Chá, a 15 km do centro. Lá, o visitante pode passear por uma trilha de um quilômetro que vai beirando as margens do rio Corujas, e passa por uma belíssima piscina natural antes de chegar à queda principal, com 30 metros de altura.

No final da década de 1960, era muito grande a quantidade de famílias de japoneses e descendentes que moravam no município de Tapiraí. Algumas no bairro do Chá, que recebeu esse nome exatamente por causa do cultivo da erva-mate, cujos brotos eram colhidos e processados em uma fábrica instalada no bairro, em um prédio que existe até hoje.

São dezenas de quedas d'água espalhadas pela vastidão da Mata Atlântica, muitas ainda desconhecidas. As cachoeiras do Chá, Belchior, Limoeiro, Juquiazinho e Alecrim são as mais famosas.

A Myrella, do 5º ano A da EMEF José de Moura Glasser, aluna da professora Idelma C. R. de Oliveira Simão, fez um bonito poema sobre a sensação de alegria que ela tem quando encontra uma cachoeira.

Cachoeiras

Observando uma bela cachoeira
tive um forte pensamento,
Meus olhos não puderam conter
as lágrimas de agradecimento.
Observando as águas descendo
sobre as mais belas pedras,
Sentia-se muito feliz
por estar ali naquele momento.
Ouvia-se os pássaros cantar
Sentia-se a pureza do ar
E os peixes mais lindos do rio
De longe, os via nadar.
Cachoeiras, cachoeiras...
amo suas águas
no meu pensamento a embalar.
Vamos as nossas cachoeiras
a nossa natureza preservar!!
Myrella Cardoso Tamborim



LEGADO DAS ÁGUAS

A turma do 5º ano C da EMEF Profª Enir da Silva Pilan descobriu, durante sua pesquisa, que Tapiraí agora é um MIT – Município de Interesse Turístico, algo que a cidade foi uma das primeiras catorze brasileiras a conquistar. Certamente, um dos principais atrativos para justificar esse título são as cachoeiras e, claro, o motivo delas existirem: a floresta preservada. Nossa cidade se destaca pela preservação de suas matas, com 80% de seu território tombado como Área de Proteção Ambiental (APA), e declarada Patrimônio Natural de Humanidade pela Unesco.

Vocês acreditam que aqui em nossa cidade se encontra a maior reserva privada de Mata Atlântica do Brasil? Pois é, o Legado das Águas tem 31 mil hectares e, na verdade, vai além da área da nossa cidade, também estando presente em Juquiá e Miracatu.



Na biodiversidade do Legado, são encontradas 1.765 espécies, com 889 animais, sendo 50 ameaçados de extinção. As aves têm 296 espécies catalogadas, 322 são de borboletas, 70 de mamíferos, 67 de anfíbios e répteis e 54 de peixes. Já em sua flora, há um total de 959 espécies conhecidas, sendo 233 de orquídeas. E nós sabemos de todas essas informações por um motivo muito interessante: existe no Legado um centro de tecnologia e pesquisa da biodiversidade da Mata Atlântica, para investigar e preservar tudo o que tem na natureza: as árvores, as flores, os animais e os rios.



Uma atividade muito importante do Legado é a produção de mudas nativas da Mata Atlântica, para o reflorestamento de outras áreas. São 200 mil mudas produzidas por ano e, para tudo isso acontecer, muitas pessoas trabalham por lá. Até hoje, 40 mil pessoas que contribuíram com seu trabalho e conhecimento e também movimentaram bastante a economia local com o surgimento de novas atividades que beneficiam o nosso planeta.



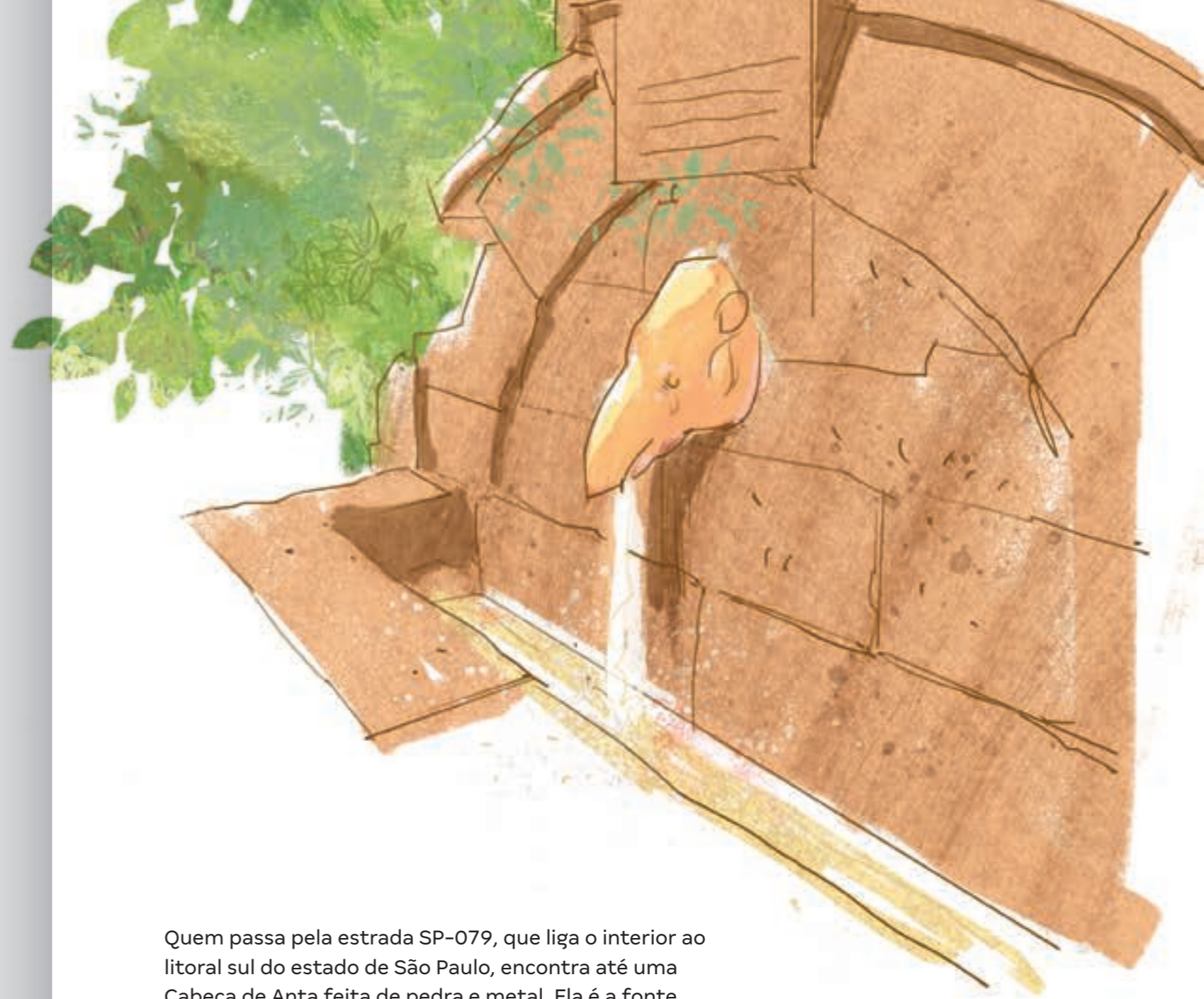
Um enorme obrigado aos alunos José Antônio da Silva de Souza Almeida, do 5º ano C, Pedro Alves Vieira do 5º ano A, e Gabriel Valdevino Lima, do 5º ano C, todos da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, que pesquisaram as informações trazidas neste capítulo.



ANTA ALBINA

Saíra de 7 cores, tucano do bico preto, onça parda, cachorro do mato vinagre, Muriqui do sul são algumas espécies raras que vivem aqui. E, com certeza, porque elas têm um lugar seguro para morar. Aqui também foram descobertas duas espécies de antas albinas, talvez as únicas do mundo. A anta albina é um dos bichos que vivem na Mata Atlântica e que são quase uma lenda, porque só existiam na memória contada pelas pessoas antigas da região.

A anta é o maior mamífero terrestre brasileiro e tem o nome científico de *Tapirus terrestres*. Ela pode ter até 300 quilos de peso e 242 centímetros de comprimento, gosta de comer frutos e seu coco tem um papel importante na dispersão de sementes, principalmente de palmeiras.



Quem passa pela estrada SP-079, que liga o interior ao litoral sul do estado de São Paulo, encontra até uma Cabeça de Anta feita de pedra e metal. Ela é a fonte de água cristalina vinda da mata, que refresca a sede de quem quer saborear uma água bem fresquinha e mostra para todo mundo como a anta é um símbolo importante para a preservação das nossas matas.

E, inspirados nas antas albinas, os alunos da EMEF Profª Enir da Silva Pilan fizeram vários acrósticos, que são poemas que brincam com as iniciais dos nomes das coisas.

Animal raro
Nada nas lagoas
Tímida
Alegra os visitantes
com suas estátuas

Anda nas matas e
plantações
Linda
Bonita
Inteligente
Nativa
Amada por todos.
**Cauã Issamu
Kitano Sanches,
5º ano A**

Animal muito raro
Natural da mata atlântica
Tranquilo e amigável
Aparece de vez em quando
isso mostra sua beleza

A mata é sua morada e
sua casa
Lembra a paz
Belezas naturais não
faltam em nossas matas
Ilustres animais nossas
matas possuem e
Não podemos deixar que
destruam elas
A nossa cidade é rica em
sua fauna e flora!
**Luiz Gustavo Gualberto
da Silva, 5º ano A**

Animal
Natureza
Tapiraí
Alegre

Ar
Lazer
Biodiversidade
Infinito
Nação
Amada
**Luma Valentina
Cavalcante Tryçai,
5º ano A**

Animal
Natureza
Terrestre
Amigável

Água
Linda
Bonita
Inigualável
Nativo
Anomalia
**Mariana Messias
Agapito, 5º ano A**

A anta é o maior mamífero
terrestre.
Nativo da fauna Brasileira.
Tapirus Terrestre é seu
nome científico.
Albinismo da anta albina é

Anomalia genética.
Legado das Águas foi onde
ela foi fotografada.
Beleza rara, foi encontrado
dois animais
Irmãos e filho.
Na mata de Tapiraí
Ainda pode ser encontrado
diversos outros animais
além da anta
Pedro Alves Vieira, 5º ano A

Anta maravilhosa
Na mata é um dos
animais mais lindos
Toda charmosa
Ameaçada de extinção

Animal bonito
Linda
Bela por natureza
Imponente
Na natureza se
destaca por beleza
A mata é o seu lar
**Yago Patricio Ferreira
Lima, 5º ano A**

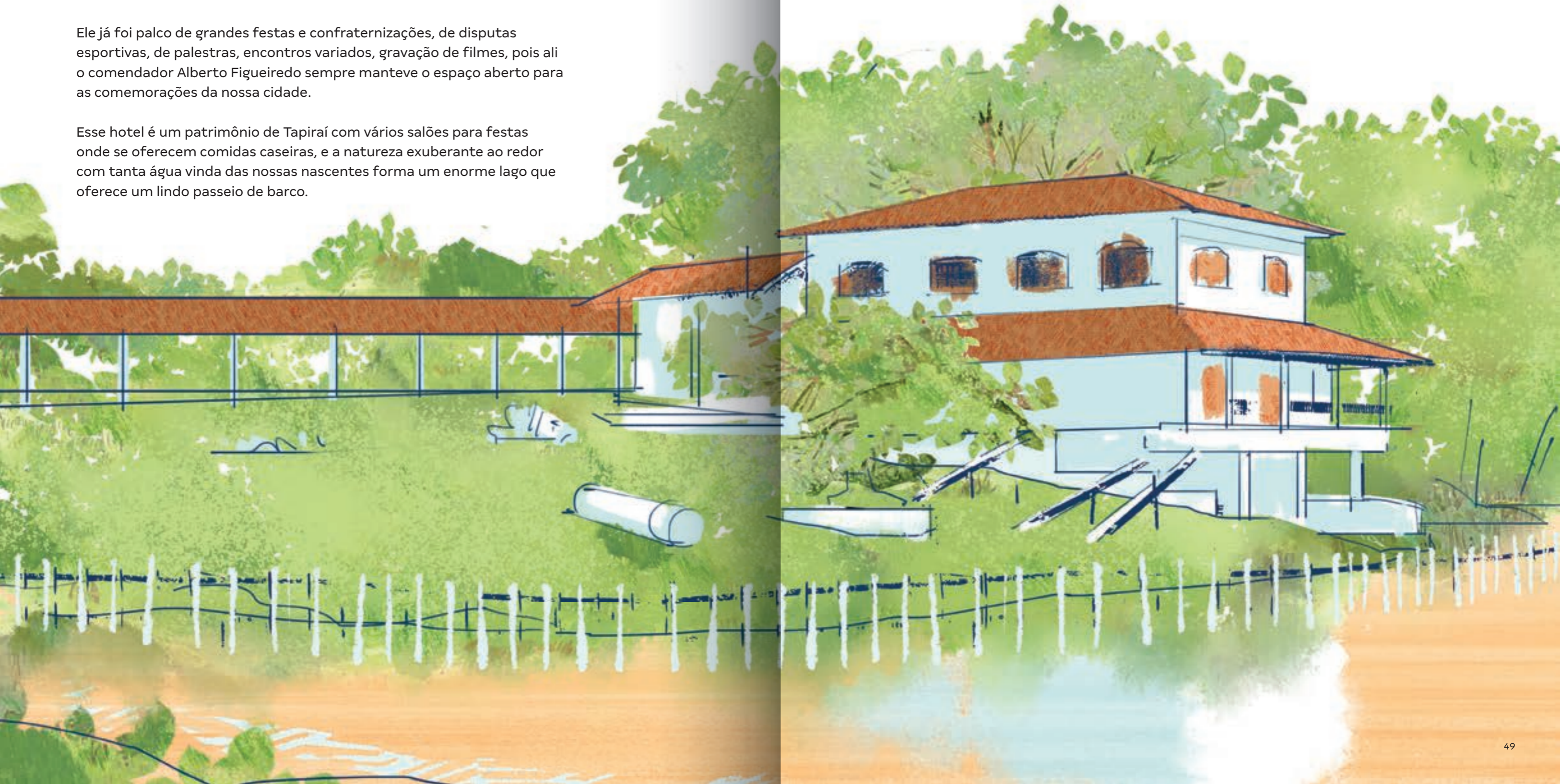
Amiga muito sincera
Nobre de coração
Tímida de natureza
Amorosa como sempre

Alegre
Linda
Belezinha
Inteligente
Nossa amiga
Admiradora
**Samuel Lucas Rodrigues
Costa, 5º ano C**

HOTEL FAZENDA ENCONTRO DAS ÁGUAS

Ele já foi palco de grandes festas e confraternizações, de disputas esportivas, de palestras, encontros variados, gravação de filmes, pois ali o comendador Alberto Figueiredo sempre manteve o espaço aberto para as comemorações da nossa cidade.

Esse hotel é um patrimônio de Tapiraí com vários salões para festas onde se oferecem comidas caseiras, e a natureza exuberante ao redor com tanta água vinda das nossas nascentes forma um enorme lago que oferece um lindo passeio de barco.



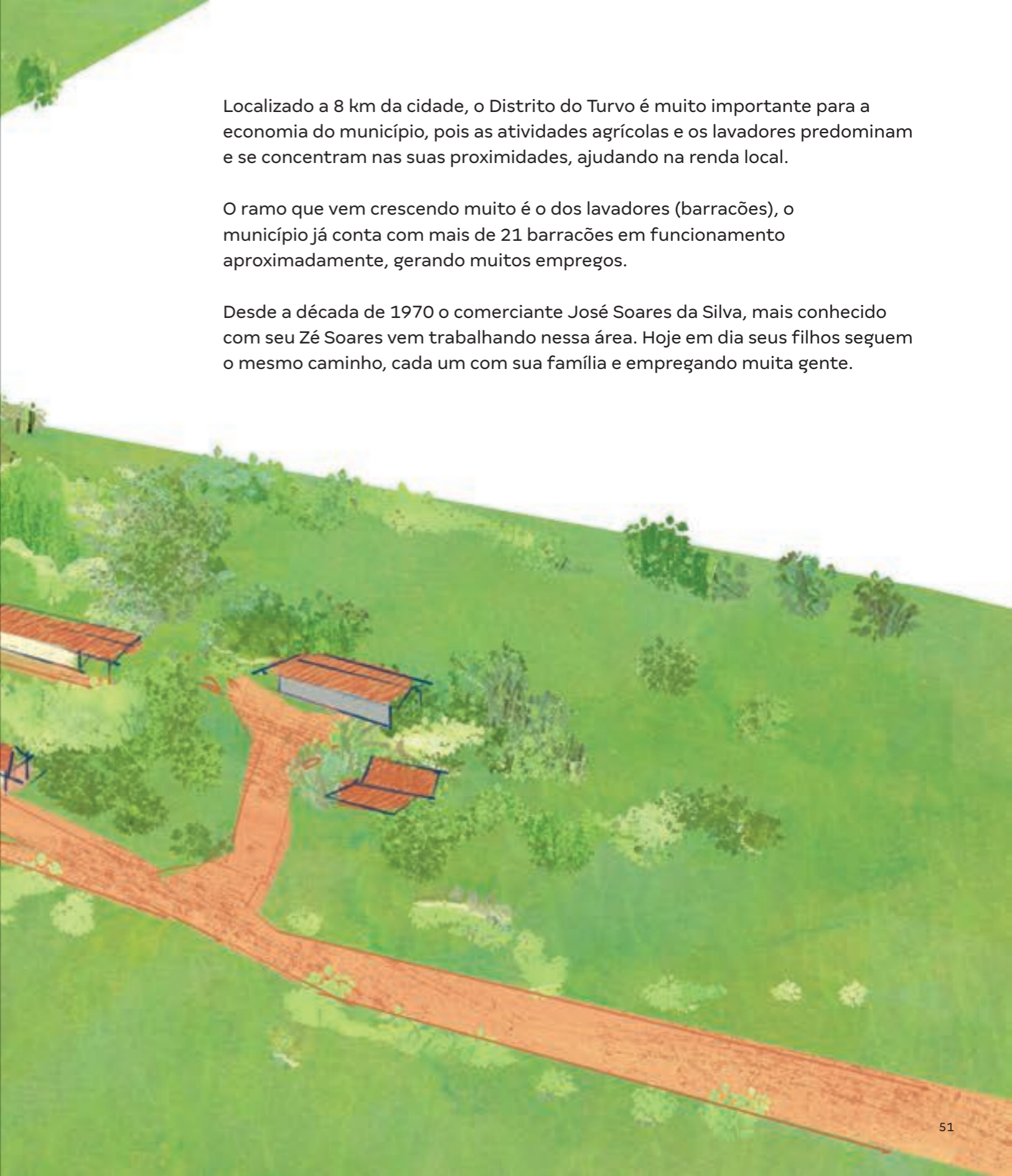
LAVADORES (BARRACÕES)



Localizado a 8 km da cidade, o Distrito do Turvo é muito importante para a economia do município, pois as atividades agrícolas e os lavadores predominam e se concentram nas suas proximidades, ajudando na renda local.

O ramo que vem crescendo muito é o dos lavadores (barracões), o município já conta com mais de 21 barracões em funcionamento aproximadamente, gerando muitos empregos.

Desde a década de 1970 o comerciante José Soares da Silva, mais conhecido com seu Zé Soares vem trabalhando nessa área. Hoje em dia seus filhos seguem o mesmo caminho, cada um com sua família e empregando muita gente.



O nosso projeto valoriza muito as entrevistas, pois fazendo entrevistas a gente conhece pessoas, aprende sobre muitos assuntos e, às vezes, fica surpreso com as histórias caseiras que nem conhecia. Foi o caso do Ezequiel Soares Guerra e do Juliano Soares Vieira do 5º ano A da EMEF José de Moura Glasser, alunos da professora Idelma Claudino Rodrigues de Oliveira Simão, que resolveram entrevistar seu avô José Soares da Silva.

Seu José nasceu em 25/09/1946 em Piedade, e tem 75 anos. É casado com Marina Vieira Soares e pai de 10 filhos: Célia, Luzia, Adriana, Maria, Eliane, Rogério, Luiz, Edson, Célio e Pedro.

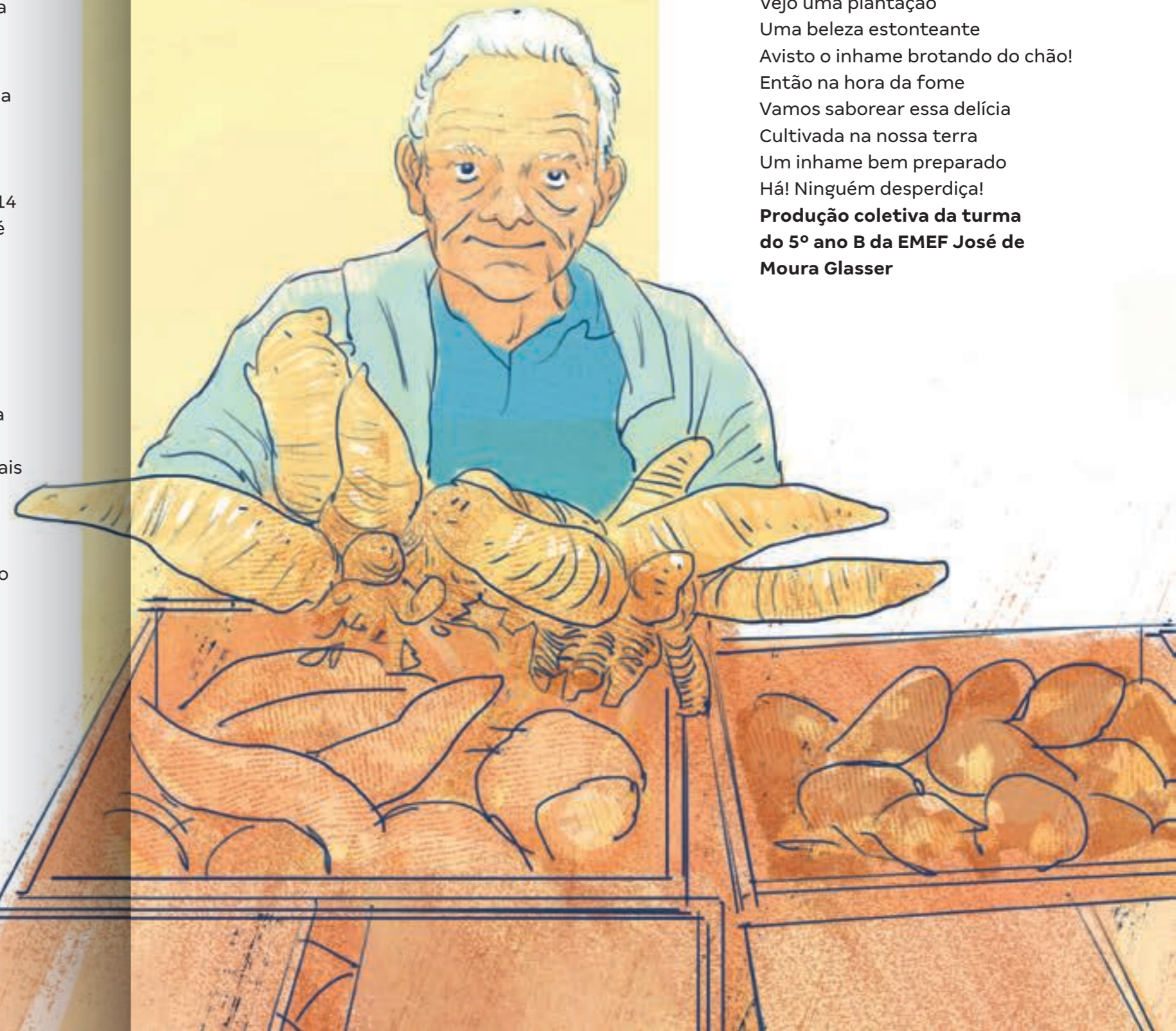
Pioneiro no ramo de lavadores no bairro do Quaresmal, começou a trabalhar aos 14 anos, quando pegava carona para levar legumes para comercializar na praça da Sé em São Paulo.

Em 1969, começou a funcionar a Campanha de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp), e José foi um dos pioneiros a levar legumes para serem comercializadas nesse armazém. Nessa época ainda não havia energia elétrica em Tapiraí, e o seu trabalho era feito de forma manual, através de uma carretilha armada na beira do rio, onde era lavada apenas uma caixa por vez. Com a chegada da energia em 1978, surge o “barracão”, com um cambal – estrutura onde se pendura os panos para lavar os legumes. movido por um motor, ele lava dez ou mais caixas de mandioquinha, gengibre, inhame, batata-doce, cenoura por vez.

Seu José comercializa muitos legumes, sendo a mandioquinha seu carro-chefe. Atualmente seus filhos também vivem disso, cada um com seu barracão, podendo lavar em média 600 caixas de mandioquinhas por vez. No bairro Quaresmal, há 21 barracões na ativa, gerando muitos empregos e uma das maiores fontes de arrecadação econômica do nosso município.

Os diferentes tipos de produto, como mandioquinha, gengibre, inhame, batata-doce e cenoura são vendidos no Ceasa de São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro e até para exportação, pois são produtos de qualidade. Alguns desses alimentos são plantados na nossa cidade, como por exemplo o gengibre e o inhame, e a mandioquinha, na sua maioria, vem de outros estados, como Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina.

Além da família Soares, a família Vieira é considerada muito forte e importante neste trabalho.



Inhame da nossa Terra
Andando levemente,
Vejo uma plantação
Uma beleza estonteante
Avisto o inhame brotando do chão!
Então na hora da fome
Vamos saborear essa delícia
Cultivada na nossa terra
Um inhame bem preparado
Há! Ninguém desperdiça!
**Produção coletiva da turma
do 5º ano B da EMEF José de
Moura Glasser**

RIO TURVO

Sarit, do 5º ano A da EMEF Profª Enir da Silva Pilan, descobriu na sua pesquisa que a coleta de lixo era feita antigamente em Tapiraí pelo alegre Joãoão, funcionário da prefeitura que conduzia duas vezes por semana, uma carroça da prefeitura e era puxada por um burro bem manso.

Todo lixo precisa ser bem recolhido e reciclado. Se o lixo é descartado de qualquer jeito, ele com a chuva, acaba caindo no rio mais próximo e assim polui suas águas.

Sarit Hadassa dos Reis Perez Castro de Alexandria

O nosso rio Turvo hoje em dia precisa de muito cuidado para que volte a ser um rio com muita vida, como era na época dos nossos avós, quando o senhor João cuidava de recolher o que era descartado das casas e comércio.

A EMEF José de Moura Glasse fica no bairro Distrito do Turvo e o aluno Kauã, do 5º ano A, sentiu vontade de escrever um poema sobre a tristeza que é ver o rio Turvo poluído, mas trouxe também a vontade de consertá-lo. Qual criança não gostaria de tomar um banho de rio bem limpinho?

O Turvo sujo, assim não dá
Precisamos todos consertar
Não jogar lixo no rio,
Para no calor poder nadar.
E no rio não podemos sujar
Se todos nós se unirmos,
Da nossa cidade vamos cuidar
Para depois poder desfrutar
Viva o nosso Rio Turvo!!

Kauã S. D. Santos



Não foi só o Kauã que aprendeu a fazer um poema para mostrar sua indignação em relação à poluição. A Renata, do 5º ano A da EMEF José de Moura Glasser, também expressou através da poesia sua vontade de ver as águas cristalinas.

O Rio Turvo é lindo, já foi muito limpo, com águas cristalinas, cheias de peixes e muito verde as suas margens. Mas hoje já não se encontra assim, pois o homem polui, constrói casas ao seu redor.

Hoje o Rio turvo está triste, com águas escuras e peixes já não há mais.

O lazer ali, já não dá mais.

Mais isso juntos podemos mudar!!

Se unir, evoluir e deixar de poluir.

Aí sim vai melhorar!!

Renata B. Soares



GENGIBRE

O plantio

O plantio do gengibre deve ser feito nos meses de outubro a dezembro, em sulcos com profundidade de 15 cm, conforme o tamanho dos rizomas-sementes. Os espaçamentos recomendados são: 1,0 m entre linhas por 0,20 m entre plantas.

Depois de ter plantado o gengibre, é preciso esperar cerca de 7 a 12 meses para que ele finalmente seja colhido. Setenta por cento do que é plantado de gengibre no estado de São Paulo, é plantado em Tapiraí. Em um único pé pode ter 1 kg de gengibre.

A colheita acontece em fevereiro e março. É quando surge a flor de gengibre, com um tendão que fica roxinho e no final é um rizoma. A planta desce e dali já sai a batata, em um bulbo como o alho ou a cebola.

O gengibre tem calendário próprio, gosta de brotar em outubro. Mesmo que você plante bem antes no outono, ele começa a brotar só na boca da chuva.



Ivanete Borba mora no bairro do Juninho, na rodovia SP-79 km 151, e é plantadora de gengibre. Nasceu em Pedro de Toledo e veio para Tapiraí com 12 anos. Sua mãe, Olga, nasceu em Tapiraí no bairro Garcia e conta que o ambiente frio e úmido da cidade faz com que o gengibre tenha mais fibra. E essa fibra é que a torna mais forte, demorando a desidratar e permitindo que seja exportada sem medo que murche. O clima quente antecipa o ciclo da gengibre, mas ela não consegue ter a concentração de fibra suficiente para a pós-colheita ser mais resistente. Há 3 anos, Ivanete conseguiu o atestado de produtos orgânicos.



FESTA DO GENGIBRE



Dafne, Esther e Emanuely são alunas do 5º ano B da EMEF José de Moura Glasser e escreveram sobre a Festa do Gengibre. Ela é uma das mais antigas festas da região, e quando acontece nossa cidade recebe milhares de pessoas todos os anos.

A festa é composta por várias barracas típicas e o prato principal é o delicioso frango com gengibre. Também tem bolo, doces, conservas, molhos e chás. A bebida mais tradicional é o famoso quentão.

Durante os dias da festa, temos shows, parque de diversão com brincadeiras e jogos, e a feira agrícola.

Ela acontece no mês de julho, eu sempre participo e gosto bastante, tem comidas gostosas, brincadeiras, parques de diversão. Tem também shows com artistas da região e de fora da região, tem o concurso para eleger o melhor gengibre do ano e o concurso da rainha da festa.

Exposições da cultura de Tapiraí, onde descobrimos muitas coisas interessantes, como fotos das cachoeiras, dos animais da nossa Mata Atlântica, fotos antigas das igrejas, ruas, mercados, farmácia e antigos moradores. Ferramentas antigas usadas no plantio, artesanatos da cidade e região entre outros.

Várias atrações como apresentações de capoeira, de banda musicais, cavalgada com saída do Distrito do Turvo, exposições culturais, deliciosas comidas típicas como o frango com gengibre, o pastel com molho de gengibre, culinária japonesa, desfile de trator. Geralmente são 4 dias de comemoração.

Dafne Garcia de Moraes
Esther Ramalho Evanjelista
Emanuely Ferreira Dessordi



O gengibre

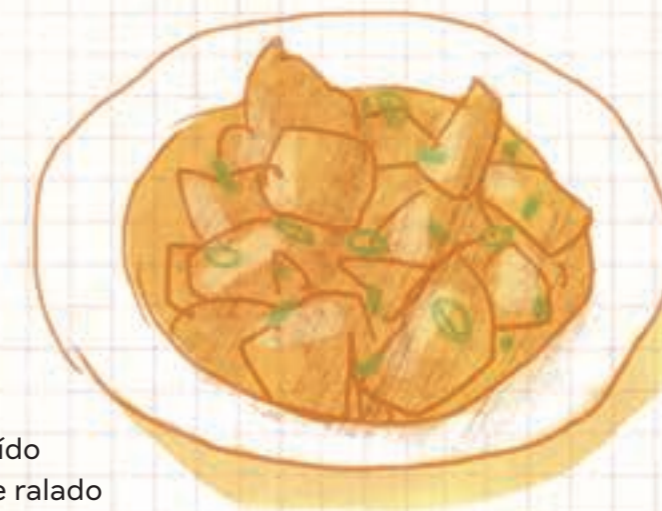
Você sabe o que é gengibre?
Você sabe o que é gengibre?
Vou lhe dar uma explicação
É aquilo que vem da nossa terra
E em Tapiraí, formamos uma
plantação.
Vai em chás e comidas típicas
Vai nas balas e quentão
Fica bom em tudo isso
E aquece o coração.
Tem receitas variadas
A especiaria é regional
Faz temperos, faz remédios
Com um sabor especial.
O gengibre vai em doces e
salgados
Vai em molhos e especialidades
No frango nos empanados
famoso igual as celebridades.

**Produção coletiva do 5º ano B da
EMEF José de Moura Glasser.**



Os alunos do 5º ano da professora Jaina Martins, Maria Eduarda de Jesus Soares, Jessicleia J. Poty M. G. Soares, Sophia Beatriz de Goes Vieira, Vitor Gomes Domingues, Rubens Godinho de Moraes Neto, Wuesley Vinicius da Conceição pesquisaram várias receitas das comidas e bebidas servidas na festa.

E o prato que faz mais sucesso na festa, o frango com gengibre é o que eles mais gostam de comer.



Frango com Gengibre

800 g de sobrecoxa de frango
2 colheres (sopa)
2 colheres de óleo
1 1/2 colher (sopa) de alho moído
1 1/2 colher (sopa) de gengibre ralado
5 colheres (sopa) de shoyu
Cebolinha cortada em pedaços de 2 cm

Preparo:

Desosse as sobrecoxas de frango e corte pedaços não muito pequenos. No final, obtém-se aproximadamente a metade do peso em carne. Se encontrar gengibre que não esteja tão novinho, pode-se aumentar a quantidade para 2 colheres (sopa). A princípio, achei que 2 colheres de gengibre seria muito, mas o sabor ficou muito bom. Contudo, adapte ao seu paladar. Leve ao fogo o óleo, aqueça e refogue o alho e o gengibre. Em seguida, coloque o frango, refogue ligeiramente. Ponha o shoyu, abaixe o fogo, tampe e deixe cozinhar. Verifique se está macio, prove o sal e acerte, se necessário, uma vez que o molho de soja já é salgado. Finalize com a cebolinha e mexa.

CASA DO ARTESÃO

Lorenzo Joseph Soares da Silva, do 5º ano A da EMEF José de Moura Glasser, visitou a Casa do Artesão, que está localizada na avenida Professor Natan Chaves.

Lá, ele viu um prédio com excelente acabamento que destaca a riqueza cultural da nossa cidade, recebe muitos turistas e ajuda a manter o sustento dos artesãos locais.

Fundada em 2015, ela se tornou um dos maiores bens de nosso município, e é aí que entra a história de uma mulher guerreira e grande parceira que está sempre à frente do que faz, não medindo esforços, tentando melhorar cada vez mais, empenhada em estruturar e divulgar o local.

Maria de Fátima Camurça Pinto foi diretora, professora e coordenadora educacional e veio para Tapiraí com a família em 1988. Mulher de grande cultura, amante das artes e do artesanato, ela sempre sonhou em aposentar-se e dedicar a sua vida à melhora cultural do município. Atualmente, é a tesoureira da Casa do Artesão, trabalhando com grande afinco em prol dessa entidade e também fazendo jus ao nome de cidadã tapiraiense.



Relato da artesã Élcia Jeieli Venâncio

Sou artesã, amo fazer artesanato, aprendi primeiro a fazer crochê com minha mãe aos meus 15 anos de idade, daí pra frente não parei mais, procurei aprender cada vez mais. Sempre curiosa em tudo, procurei me aperfeiçoar olhando em revistas, fotos, e hoje em dia na internet.

Hoje já faço um pouco de tudo, crochê, biscuit, MDF, pintura, ponto-cruz, licores e vinhos de jabuticaba, conservas de gengibre e temperos.

A vontade de aprender a produzir esses outros produtos foi após ir a uma festa japonesa. Meu pai comprou alguns produtos de gengibre, e tive vontade de fazer a conserva de gengibre e os licores.

Comecei a colocar meus produtos na Casa de Artesão em uma cidade vizinha onde eu morava. Quando mudei para Tapiraí, passei a entregar meus produtos na minha terrinha natal. Já faz três anos que faço parte da Casa do Artesão de Tapiraí.



Relato da artesã Valda Cardoso Tamborim

Comecei a fazer crochê aos meus 13 anos de idade, aprendi os meus primeiros pontos com a minha avó, fui me aperfeiçoando passo a passo com revistas de crochê e, passando o tempo, fui fazendo vários outros modelos. Hoje em dia faço qualquer modelo que me pedem e com qualquer material (linha fina, linha grossa, barbante, fio de malha).

As minhas primeiras entregas na Casa do Artesão de Tapiraí foram logo no início, quando inauguraram. Já tem uns seis anos que estou expondo meus trabalhos para a população.

CAUSOS, CONTOS

Os alunos escreveram causos (contos) ou curiosidades sobre a nossa cidade, que trazem histórias que sempre foram contadas pelas famílias antigas daqui.

Lenda do Lobisomem

Algumas pessoas relataram ter visto uma criatura estranha na janela de uma residência. Os moradores teriam se unido para dar um fim no que julgavam ser um lobisomem, mas desistiram com medo da superstição que existia em torno da figura, na qual quem matasse o lobisomem acabaria herdando a maldição. Por conta disso, ficou decidido que o melhor a fazer era se afastar da criatura e permitir que ela cumprisse seu destino: cruzar sete porteiros de sete fazendas em noite de lua cheia.

Kethelin Nicolly Rodrigues dos Santos,
5º ano B da EMEF Profª Enir da Silva Pilan

Lendas do ouro

Os antigos comentavam que Tapiraí era caminho de tropeiros que carregavam consigo muito ouro. Quando passavam por aqui, por ter um trajeto muito difícil, os tropeiros tinham que diminuir o peso das cargas de seus cavalos e para isso tinham que deixar algumas bolsas e potes com ouro enterrados no meio da mata, para virem buscar em outra oportunidade, mas acabavam se esquecendo do local onde haviam enterrado o ouro. Então reza a lenda de ainda existe muito ouro enterrado nas matas de Tapiraí.

Pedro Alves Vieira, 5º ano A da EMEF Profª Enir da Silva Pilan

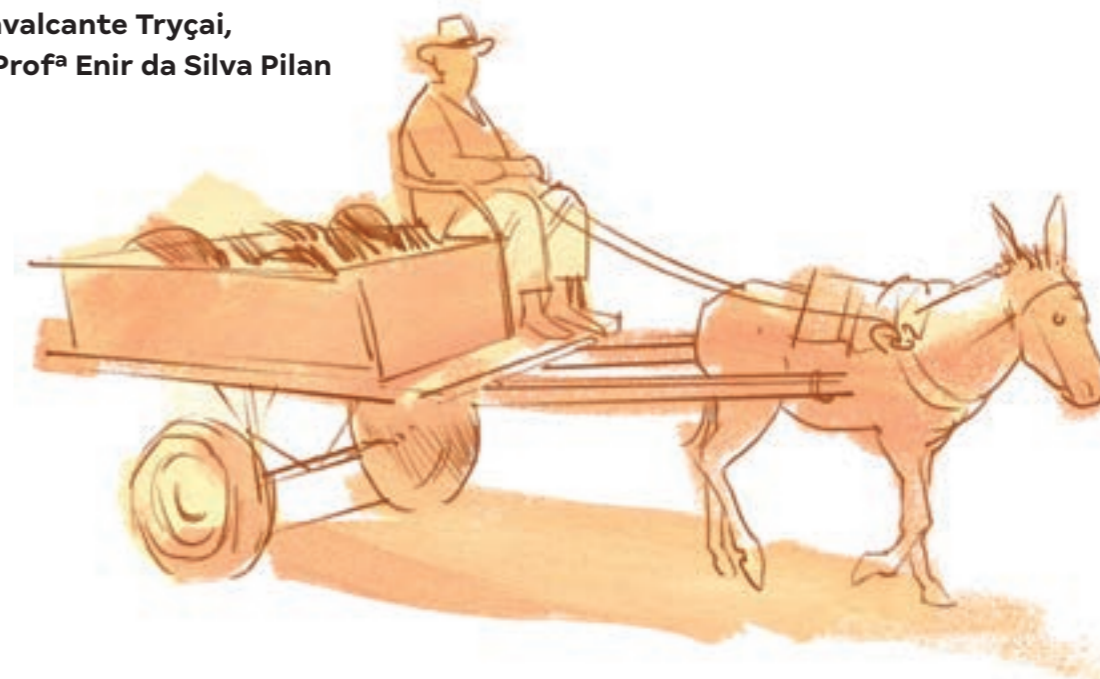
Boa ação

No início dos anos 1980, apareceu um homem em Tapiraí conhecido por Boiadeiro. Segundo se comentava, ele era funcionário de um circo que se armou por aqui e conheceu uma tapiraiense pela qual se apaixonou. Quando o circo foi embora, resolveu ficar. Por algum tempo viveu com a moça, porém com a bebedeira e a vida boêmia acabou sozinho, sem parentes e sem ninguém e virou morador de rua de Tapiraí. Dormia em um barraco nos fundos de onde hoje é o Centro Cultural. Nessa época, minha bisavó, Dona Jovina, já tinha os filhos criados e era viúva. Ela morava nos fundos do armazém que era tocado por meus tios (em frente ao posto Aoki).

Eis que, num belo dia, o Boiadeiro bateu à porta da minha bisavó e pediu um prato de comida. Ela lhe serviu e ele sentou-se à beira da casa em um banco de madeira e ali almoçou. Daquele dia em diante, virou “freguês” assíduo de minha bisavó. Em 1991, minha bisavó faleceu aos 77 anos. A família estava triste, porém, conformada diante do fato de ela ter vivido de uma forma feliz, à sua maneira, criando seus filhos e sendo sempre amável. Mas, eis que chega ao velório o Boiadeiro. Em prantos, ele se aproximou do caixão e disse em voz trêmula: “E agora? Quem é que vai me dar um prato de comida?” A cena comoveu todos presentes. Passados alguns anos, o Boiadeiro morreu atropelado por um veículo na madrugada de Tapiraí.

O episódio do velório mostrou o quanto nossa bisavó, na simplicidade do seu gesto, tinha a ensinar a nós todos, seus filhos, netos e bisnetos.

Narrado por Paulo Ferreira Cavalcante a
Luma Valentina Cavalcante Tryçai,
5º Ano A da EMEF Profª Enir da Silva Pilan



PERSONAGENS DA CIDADE

Famílias antigas

Quando seu Juquinha construiu uma mercearia de Secos e Molhados no bairro do Turvo, também fez o local virar um dos pontos mais agitados deste bairro, pois ali, à noite, as pessoas se reuniam para assistir aos noticiários, novelas e jogos de futebol, já que ele tinha a única TV da região. E também foi seu Juquinha que trouxe o telefone público para o bairro, que foi por muito tempo o único. E o terreno para a construção da primeira escola do bairro? Foi doado por ele, que assim ganhou homenagem no nome da nossa escola “José de Moura Glasser”.



Joaquim Egídio Régis era chamado pelo apelido de vovô Régis pelo fato de que, quando veio de Santa Catarina para Tapiraí, na década de 1950, já tinha alguns netos. Aqui em nossa cidade, ele construiu uma serraria e foi um dos maiores empreendedores locais. Ainda na década de 1950, ele doou toda madeira para a construção da primeira igreja matriz da cidade. Seus filhos e netos ajudaram na construção. Em homenagem a esse grande homem, foi construída a praça central, na década de 1970, e foi dado o seu nome para o local.

A família Magueta com seu trabalho, no comércio e na política, contribuiu muito para o crescimento da cidade. Hoje tem uma rua que leva o nome do pai do seu Ari, rua Eduardo da Costa Magueta, que se localiza em frente à “Escola Enir”, e também uma avenida com o nome de Ariovaldo Magueta. Tudo isso deixa a família Magueta orgulhosa em contar um pouquinho da sua história em Tapiraí.

A família Grazina contribuiu com vários comerciantes no ramo de bar, hotel e restaurante na nossa cidade. Fundaram a primeira banda musical de Tapiraí, chamada Furiosa, e trouxeram um posto de Correio para nossa cidade.



Içami Tiba

Içami Tiba nasceu dia 15 de março de 1941, em Tapiraí, São Paulo, e morreu dia 2 de agosto de 2015, aos 74 anos. Foi médico psiquiatra, psicodramatista, colunista, escritor de livros sobre educação, palestrante e professor em milhares de cursos em que participou no Brasil e também no exterior. Criou a Teoria da Integração Relacional, que facilita o entendimento e a aplicação da psicologia por pais e educadores. Seu nome está em terceiro lugar como o autor de pesquisa e referência, antecedido por Freud (1º lugar) e Jung (2º lugar). Trabalhou por três décadas com adolescentes e conflitos familiares. Içami Tiba era um dos maiores especialistas nessa área no Brasil.

Isso tudo quem pesquisou foi o José Antônio da Silva de Souza Almeida, do 5º ano C da EMEF Profª Enir da Silva Pilan.

Em uma de suas palestras que fez aqui em Tapiraí, Içami Tiba relatou sobre a vida de sua família. Foi junto com outros familiares que seus pais chegaram do Japão ao Brasil em 1936. Construíram em Tapiraí um armazém de alvenaria chamado de Casa Tiba – Secos e Molhados, e aos fundos desse estabelecimento era a casa da família Tiba. Sua mãe tomava conta da venda, enquanto seu pai trabalhava no carvão. Quando chegava alguém no balcão sem ser japonês, sua mãe acenava um pano branco para o pai vir atender, pois nessa época era grande a colônia japonesa na cidade.

Içami sonhou ser caminhoneiro, mas inspirado pelo médico da cidade de Piedade, dr. Imamura, resolveu ser médico, quando este foi atender sua família em Tapiraí. Formou-se em medicina pela Universidade de São Paulo, em 1968. Em seguida, especializou-se em psiquiatria pelo Hospital de Clínicas da mesma universidade, onde foi professor assistente por sete anos.

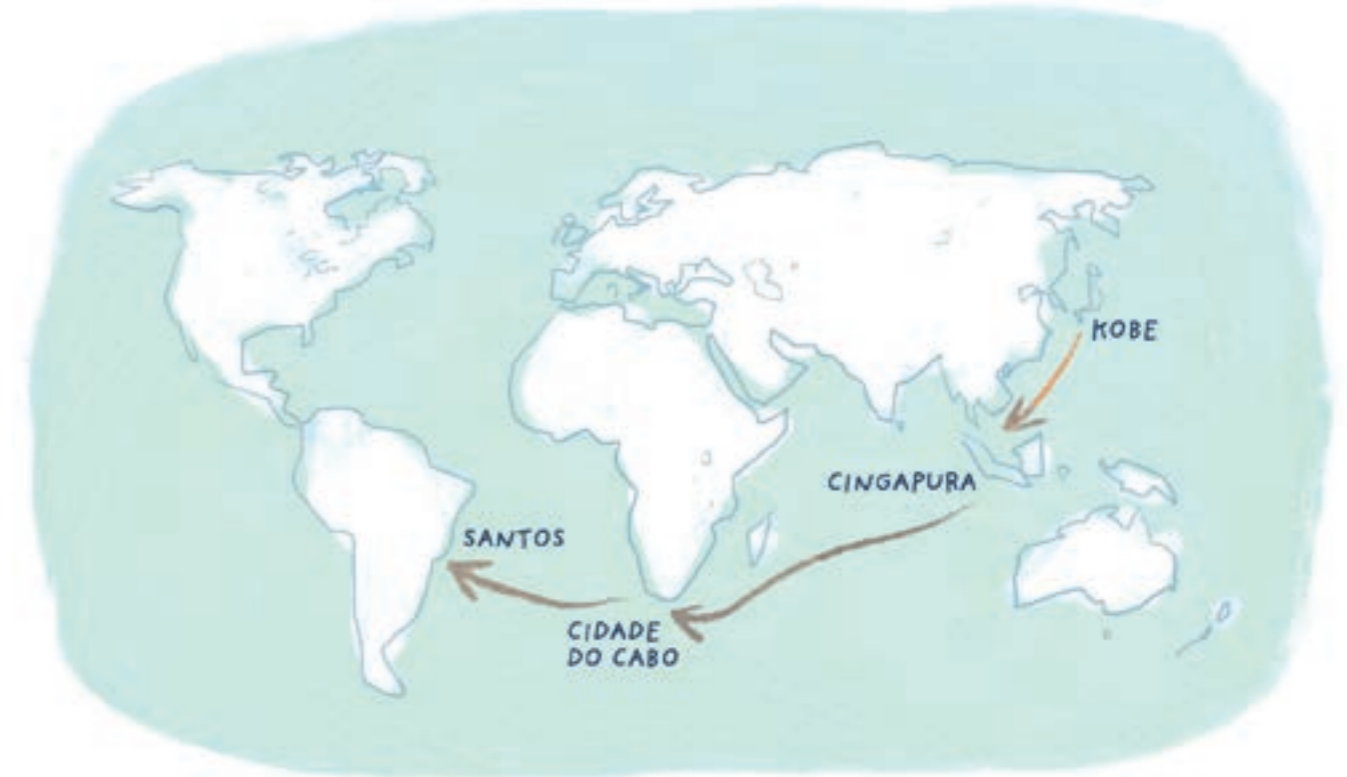




Veja como foi a chegada da família em Tapiraí, contada pelo próprio Içami:

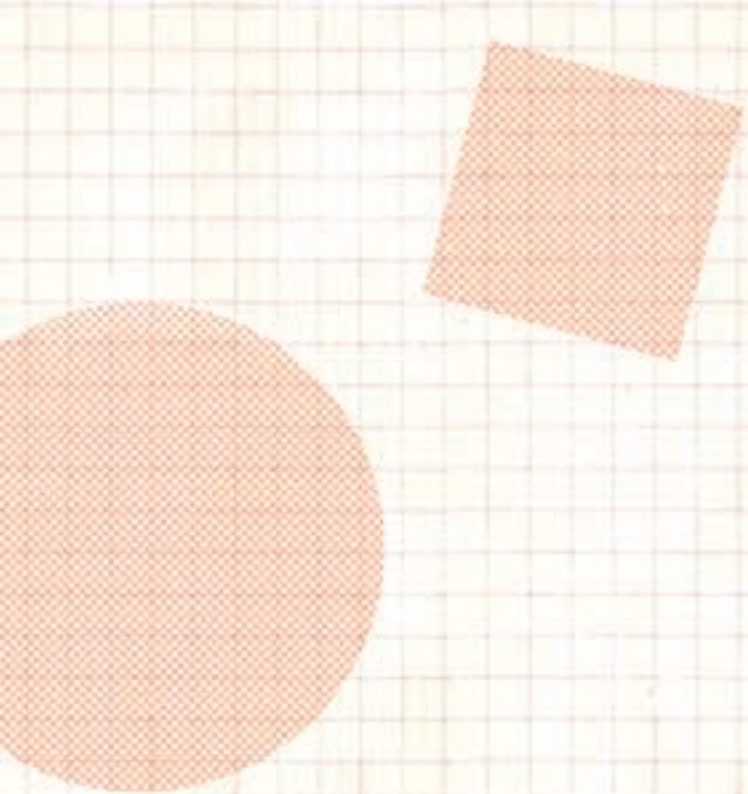
Meus pais eram lavradores no Japão, mas a situação estava muito ruim, porque o país vivia em guerra. Então, meu avô paterno, Rinnosuke, entusiasmou-se com uma propaganda da imigração que dizia: 'Vá ao Brasil, fique rico em três anos e volte ao Japão!'

Meus pais se casaram por volta de 1935 para poder fazer essa viagem, e desfizeram-se do que podiam vender. Saíram de Kobe em 1936, chegaram ao porto de Santos 45 dias depois e para Tapiraí vieram em 1937.



Assim como outros imigrantes japoneses, eles achavam que ganhariam muito dinheiro, mas acabaram em colônias, em Morro Agudo, Alta Mogiana, interior de São Paulo. Por serem mais disciplinados e não reclamarem de nada, os japoneses eram os trabalhadores mais cobiçados. Nessas fazendas, meus tios contavam que a vida era totalmente diferente do esperado: trabalhavam de sol a sol na colheita de café e dormiam em travesseiros de madeira.

Quando eu era criança, já entendi que, quando alguém resmungava que não gostava de alguma coisa que lhe acontecia, eles respondiam para aguentar: "Gamam surunda yô", que significa, na forma carinhosa, "suporta aí". Quando a reclamação aumentava, vinham os imperativos "Gamam surê!" (você tem que aguentar) ou "Gudzu gudzu yuute damê da yô!" (pare de ficar resmungando). É para aguentar sem ficar choramingando, outro costume japonês.



Se apressa, minha gente
Pega um livro e vem ler
Do ilustre Içami Tiba
Escritor de um bom saber.

As estrelas nascem no céu
Os peixes nascem no mar
Içami nasceu em Tapiraí
Cidade boa de morar!
**Kethelin Nicolly Rodrigues
dos Santos, 5º ano B da EMEF
Profª Enir da Silva Pilan**

Através de um navio
Sua família enfrentou
Grandes desafios
Para chegar em Tapiraí
Passaram por grandes
Batalhas, um dia eles fugiram
Da colônia que os aprisionavam
Chegando em Tapiraí
Começaram uma vida nova
Ali, Tiba e seus irmãos nasceriam
Tiba foi um grande professor,
Viajou o mundo até mesmo para o escritor
Tibas foi um homem bem especializado,
Medico psicodramatista,
Psiquiatra, escritor educacional
Foi um palestrante essencial esse
tapiraense foi um grande profissional.

**José Antonio da Silva de
Souza Almeida, 5º ano C da
EMEF Profª Enir da Silva Pilan**

Filho de japoneses imigrantes
Nascido em Tapiraí
Gente boa e humilde
Içami Tiba muito importante.

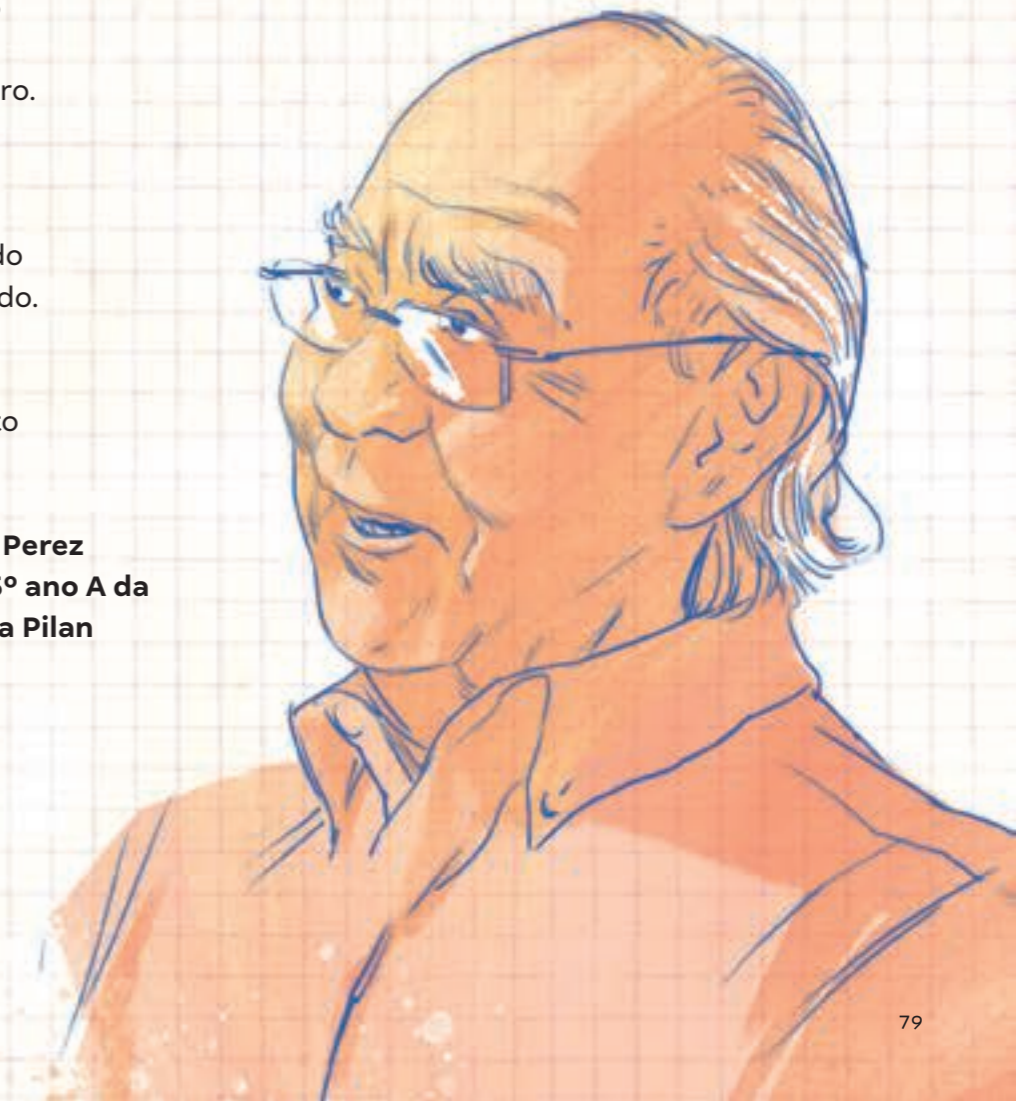
Queria ser caminhoneiro
Trabalhador e bom filho
Sonhador e estudioso
Conhecer o mundo inteiro.

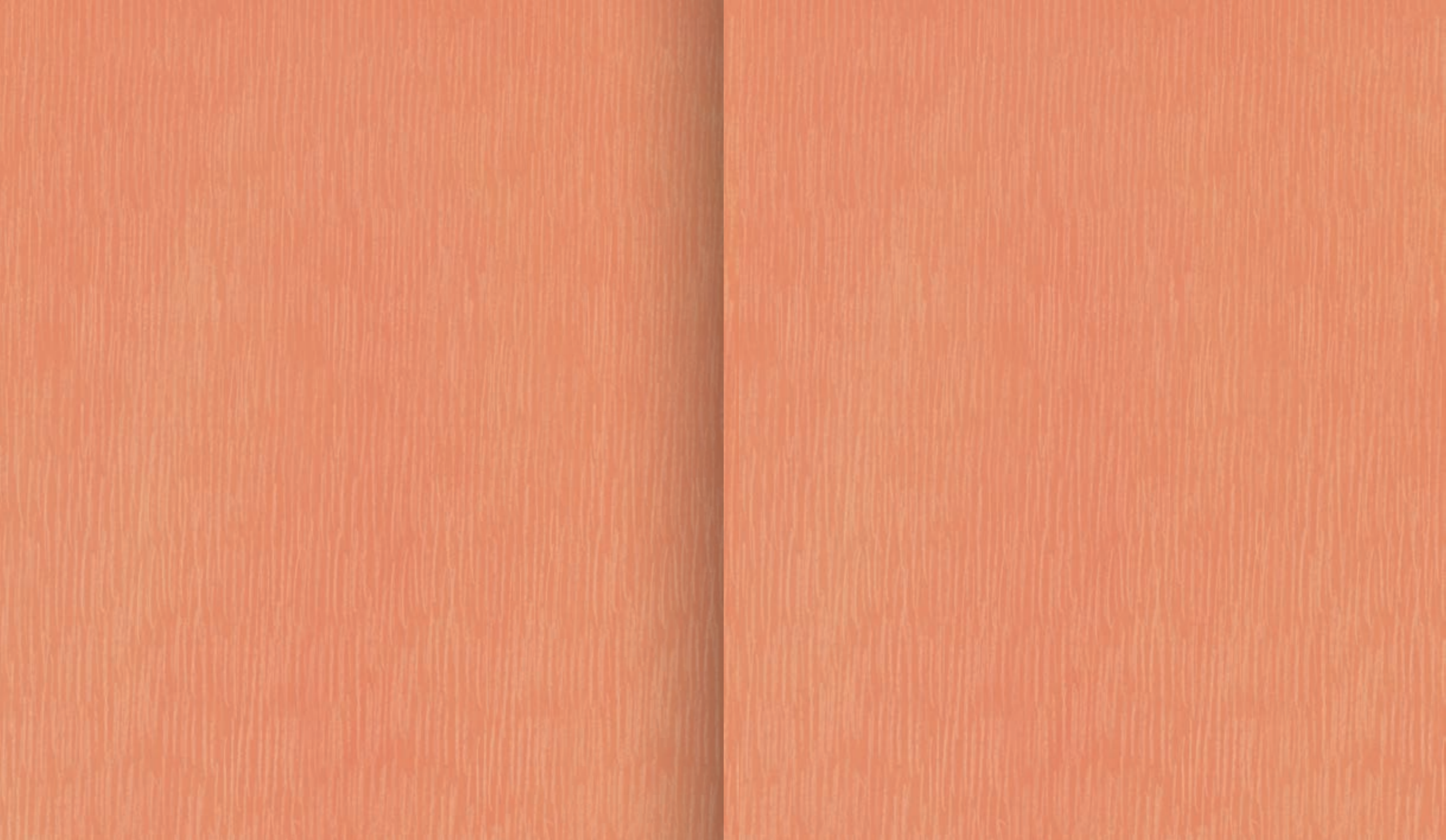
O sonho foi mudando
Com o passar dos anos
Trabalhando e estudando
Em medicina se formando.

Guardamos de coração
Muita saudade e respeito
E nós, tapiraenses,
Só temos gratidão.
**Sarit Hadassa dos Reis Perez
Castro de Alexandria, 5º ano A da
EMEF Profª Enir da Silva Pilan**

Içami Tiba veio do Japão
Aqui para o Brasil
Especialista em educação
Foi um cara nota mil.

Junto com seus pais
Chegou em Tapiraí
Hoje, conhecido por muitos
Mas nunca esquecido aqui.
**Luiz Gustavo Gualberto
da Silva, 5º ano A da EMEF
Profª Enir da Silva Pilan**





Era uma vez Tapiraí. Um dia as crianças que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... A praça e a igreja matriz, a comunidade do Ribeirão da Anta e sua casa de farinha, o Legado das Águas, Içami Tiba e outros patrimônios fazem parte dessa história, contada pelos estudantes das escolas municipais da cidade.

patrocínio

produção executiva

realização



instituto
VOTORANTIM

doble.
cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
TURISMO



ISBN 978-65-88280-26-3

